

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

EDUARDO PROPST ZANON

ALTERAÇÕES DO ACERVO TÉCNICO DO KARATÊ ENTRE 1868 E 1957



CURITIBA
2019

EDUARDO PROPST ZANON

ALTERAÇÕES DO ACERVO TÉCNICO DO KARATÊ ENTRE 1868 E 1957

Monografia apresentada como requisito parcial à obtenção do grau de Licenciado, no Curso de Educação Física, Setor de Ciências Biológicas, da Universidade Federal do Paraná.

Orientador: Prof. Dr. Ricardo João Sonoda-Nunes

CURITIBA
2019

Faça a menor distinção, e o céu e a terra ficarão infinitamente separados.
Se quiser enxergar a verdade, então não se prenda a nenhuma opinião a favor nem contra.
A luta entre o que se gosta e o que não se gosta é a doença da mente.

Osho (2004, p. 51)

RESUMO

A concepção do Karatê possui origens dispersas em diferentes períodos históricos, cuja organização sociocultural de cada uma dessas épocas influenciou o desenvolvimento da luta atribuindo ao seu acervo técnico contornos diversos. Considerando esse cenário dinâmico, estabelecemos como objetivo central para realização dessa pesquisa, entender como o acervo técnico do Karatê foi modificado entre o início da Restauração Meiji em 1868 até a realização do primeiro campeonato realizado pela *Japan Karate Association* (JKA) em 1957. Em relação aos procedimentos metodológicos, trata-se de pesquisa qualitativa, de natureza documental, em que utilizamos fontes datadas dos períodos estudados, bem como, a literatura produzida sobre o tema e que estão relacionadas a esses períodos. Para tanto, categorizamos esses períodos estudados em três momentos: primeiramente, realizamos um levantamento de quais estilos de combate que contribuíram para a criação do Karatê nos séculos antecedentes ao início da Era Meiji. Num segundo momento, descrevemos as adaptações metodológicas realizadas nos primeiros anos de difusão do Karatê no restante do Japão até o início da Segunda Guerra Mundial. E por fim, destacamos os propósitos da fundação da JKA e a realização de seu primeiro campeonato, bem como, as implicações técnicas do novo formato competitivo. Em termos de considerações finais, pudemos compreender que o corpo técnico do Karatê sofreu adaptações tendo em vista o sucesso de sua difusão para o público japonês. Passando de um holístico sistema de autodefesa de caráter lesivo em diferentes situações cotidianas, para um esporte de combate regrado, em que a variação de movimentos é restrita e específica, visando a preservação da integridade física dos praticantes. Destacamos que essa ressignificação é constante e progressiva, sendo responsável tanto pela integração de saberes novos, quanto pela obsolescência de outros.

Palavras-chave: Artes Marciais. Lutas. Karate-Dô. Karatê-Jutsu. Funakoshi. Shotokan. Japão.

ABSTRACT

The conception of karate has its origins scattered in different historical periods, whose sociocultural organization of each of these times influenced the development of combat by attributing to its technical collection diverse contours. Considering this dynamic scenario, we established as a main objective for this research, to understand how the karate technical collection was modified between the beginning of the Meiji Restoration in 1868 until the first championship held by the Japan Karate Association (JKA) in 1957. The methodological procedures are a qualitative research, of a documentary nature, in which we use sources dated from the studied periods, as well as the literature produced on the subject and related to these periods. To this end, we categorize these studied periods into three stages: First, we survey which fighting styles contributed to the creation of karate in the centuries preceding the beginning of the Meiji Era. In a second moment, we describe the methodological adaptations made in the early years of karate diffusion in the rest of Japan until the beginning of World War II. Finally, we highlight the purpose of the foundation of JKA and the holding of its first championship, as well as the technical implications of the new competitive format. In terms of final considerations, we could understand that the karate staff has been adapted to the success of its dissemination to the Japanese public. Moving from a holistic self-defense system with an injurious character in different everyday situations, to a ruled combat sport, where the range of movements is restricted and specific, aiming at the preservation of the physical integrity of the practitioners. We emphasize that this resignification is constant and progressive, being responsible for both the integration of new knowledge and the obsolescence of others.

Keywords: Martial Arts. Fights. Karate-Dô. Karate-jutsu. Funakoshi. Shotokan. Japan.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

FIGURA 1 - MAPA DO LESTE DA ÁSIA	18
FIGURA 2 - GO KENKI DEMONSTRA POSTURA RECUADA	24
FIGURA 3 - ILUSTRAÇÃO DA POSTURA DO CAVALEIRO NO BUBISHI	24
FIGURA 4 - PUBLICAÇÕES DE GICHIN FUNAKOSHI	34
FIGURA 5 - SANBON KUMITE	37
FIGURA 6 - TÉCNICAS LESIVAS DE FUNAKOSHI, PUBLICADAS NO TOTE- JITSU DE 1926	38
FIGURA 7 - OIZUKI DE GICHIN FUNAKOSHI E YOSHITAKA FUNAKOSHI	42
FIGURA 8 - CHUTES DE YOSHITAKA FUNAKOSHI	43
FIGURA 9 - COMBATE ENTRE ENOEDA E KANAZAWA	49

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	8
1.1 Procedimentos Metodológicos	16
2 A CONCEPÇÃO DO KARATÊ EM RYUKYU	18
3 A DIFUSÃO DO KARATÊ NO JAPÃO	29
4 O KARATÊ ENQUANTO INSTITUIÇÃO	41
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	51
REFERÊNCIAS	54

1 INTRODUÇÃO

O Karatê (*Caminho das mãos Vazias*, em Japonês) é uma arte marcial¹ japonesa que originalmente foi desenvolvida para utilizar todas as possibilidades biomecânicas do corpo (alavancas, contrações e relaxamento, respiração, centro de gravidade), de forma sistemática (KANAZAWA, 2011; NAKAYAMA, 2009), para agregar a maior quantidade de energia possível em golpes lesivos, exigindo do praticante um enorme controle físico e concentração para que ele seja capaz de vencer um embate com poucos movimentos, mesmo não sendo um indivíduo com grande estatura e massa muscular.

A concepção do Karatê é resultado de uma série de fenômenos de diferentes épocas e é por isso que não há como atribuir uma data, local e criador específicos. O que as fontes históricas indicam é que seu surgimento partiu da necessidade da autodefesa sem armas dos habitantes de Ryukyu (atual Prefeitura de Okinawa, localizada ao sul do Japão), e que os principais desenvolvedores deste método eram os oficiais de segurança do reino de Ryukyu, os *peiichin*² (McCARTHY, 1995). Um impulso primário para o desenvolvimento de técnicas de combate refere-se à relação dos *peiichin* com os *heimin*, a classe camponesa. Estes últimos sofriam cobranças de taxas abusivas em relação à terra e produção agrícola, aos moldes de um governo feudal. De forma que realizavam ataques rudimentares contra os *peiichin*, que por sua vez desenvolveram técnicas para defender-se (LOPES FILHO, 2013). A condição social privilegiada dos *peiichin* permitia a estes homens fazer viagens à China e ao Japão e aprender, além da cultura e tecnologia, os conhecimentos marciais destes povos e incorporá-los ao corpo técnico de combate já presente em Ryukyu.

O reino de Ryukyu passou por dois decretos de proibição do porte de armas: o primeiro deles foi instituído por Sho Hashi em 1429, com a primeira unificação do reino de Ryukyu; o segundo foi com a conquista de Ryukyu pelo clã Shimazu da

¹ A literatura no campo da Educação Física apresenta variadas problematizações de termos como “Artes Marciais”, “Lutas” e “Esportes de Combate” (GONÇALVES; SILVA, 2013). Para não deixar o objeto de pesquisa demasiadamente amplo, este trabalho lançará um olhar sob a perspectiva do Karatê como “arte marcial”, com suas heranças históricas e legado cultural para os períodos posteriores ao tempo de uma formação inicial de tal campo de saberes.

² Os *Peiichin* são a classe responsável pela segurança do reino e manutenção da ordem. Após o domínio de Satsuma, eles passaram a ter somente funções policiais e de segurança dos aposentos do castelo real. Os *Peiichin* possuíam uma classificação hierárquica semelhante à dos samurais no Japão (McCARTHY, 1995, p. 48)

província de Satsuma em 1609 (NAKAYAMA, 2009). Enquanto o primeiro decreto proibiu somente a estocagem pessoal de armas, concedendo esse direito somente ao exército do Rei, o segundo proibiu o porte de armas de qualquer nativo de Ryukyu.

Num período de instabilidade e de constantes invasões, proibir o uso de armas para a defesa territorial deixava os oficiais de segurança de Ryukyu em desvantagem. Esta foi a principal necessidade que levou ao desenvolvimento de um método de combate sem armas, que possuísse a mesma eficácia que uma arma de corte. O legado desta lógica ainda pode ser visto em ensinamentos como “Considere as mãos e os pés de seu inimigo como espadas” (FUNAKOSHI, 2005, p. 83).

O decreto da proibição das armas de 1609 também incluía a prática de combate sem armas, por isso todas as formas de *Tê*, *Okinawatê*, *Toudijutsu* ou *Karatê*³ eram praticadas no anonimato. Com a Restauração *Meiji* (1868), que modernizou todos os segmentos da sociedade japonesa e a fundação da *Dai Nippon Butoku Kai* em 1895, cujo objetivo era preservar a memória e o legado filosófico das artes marciais japonesas, o *Karatê* de Okinawa passa a ter outros objetivos em seu desenvolvimento (LOPES FILHO, 2015).

Virtude antes de Vício; os valores antes de vaidade; os princípios acima das personalidades... Estes conceitos são o que melhor retratam o espírito da **Dai Nippon Butoku Kai** (Grande Casa das Excelências Marciais do Japão), que tinha por “missão”, e principais metas, organizar, padronizar e supervisionar toda a comunidade de artes marciais do país, assim como promover o resgate, a valorização e a sobrevivência das “virtudes samurais” no Japão moderno (ANTONY, 2015, p. 54).

Com a modernização, e o desenvolvimento de armas de fogo de longo alcance e as reformas políticas que ocorreram no Japão desde o Período Edo (1600-1868), preparar os corpos para o combate físico deixou de ser uma necessidade primária (MACEDO, 2017). Consequentemente, o *Karatê* também sofreu um processo de reformulação, deixando de ser um método pessoal de autodefesa enraizado no anonimato para se transformar uma arte marcial institucionalizada, cujo legado ideológico referencia-se na filosofia Taoísta, tornando-se um *Dô* (Caminho), um estilo de vida voltado ao desenvolvimento ético do ser. (HOFFMANN, 2007).

³ Todos estes nomes poderiam ser utilizados para definir as artes marciais de Okinawa, uma vez que não existia um consenso ou um órgão para estabelecer diretrizes ou convenções.

O primeiro relato de uma apresentação pública de Karatê vem de 1902. Nesta época a proibição das práticas marciais em Ryukyu havia acabado juntamente com a dissolução do reino de Ryukyu e a anexação desse território ao Japão no início da Restauração Meiji. No entanto, ainda era comum a prática em segredo, pois assim as técnicas eram preservadas e passadas adiante dentro de clãs ou famílias (ANTONY, 2015; CRAMER, 2018). Nesta realidade ainda presente em Okinawa em 1902, o inspetor escolar Shintarô Ogawa, a mando do Ministério da Educação, visita as principais cidades da ilha e, dentre várias apresentações, assiste a uma demonstração de Karatê. O resultado de seu relatório é a inclusão do Karatê no currículo escolar em escolas primárias e secundárias de Okinawa. O principal responsável por essa inclusão é Yasutsune Itosu, que desenvolve uma didática para o ensinamento do Karatê em escolas a partir desse período (FUNAKOSHI, 2015).

Em 1921, Gichin Funakoshi é incumbido de organizar uma apresentação de Karatê na presença do Imperador do Japão no castelo de Shuri, o castelo do Rei da antiga Ryukyu. No mesmo ano, após a primeira demonstração de Karatê em Tóquio, Funakoshi começa a difundir seu Karatê com a influência de Jigoro Kano, o difusor do Judô (FUNAKOSHI, 2015).

Funakoshi ensinou um número de pessoas que não é possível de mensurar, desde militares a homens de negócios, se consolidando em clubes universitários em toda a região de Tóquio (NAKAYAMA, 2009). Dentre estas pessoas, algumas delas foram escolhidas para sucedê-lo na tarefa de difundir a prática do Karatê ao redor do Japão e posteriormente, do mundo. Nas Universidades, Funakoshi instruiu Masatoshi Nakayama, que foi o principal divulgador da arte após sua morte. Filho de samurais, Nakayama fundou a primeira federação de Karatê, a *Japan Karate Association* (JKA) em 1949, e enviou instrutores para diversas regiões do mundo. Ele também foi o idealizador do modelo das competições de Karatê, escrevendo as primeiras regras (ANTONY, 2015) e realizando o *Primeiro Campeonato de Karatê-dô de Todo o Japão*, em 1957 (NAKAYAMA, 2009).

Uma vez que o Karatê é um fenômeno de origens dispersas, influentes de diferentes sociedades em diferentes períodos, nos estimula a investigar os elementos que compõem o acervo desta arte e os objetivos da inserção de tais métodos, assim como os agentes participantes desta construção.

Devido à influência do *Quan-fa*⁴ da província de Fujian⁵ (McCARTHY, 1995), e também pela característica de ter sido difundido no anonimato por séculos, o treinamento do Karatê em Okinawa teve como pilar central o *Kata*⁶ (“Forma”, em tradução do japonês) (MOLARI, 2003), que por sua vez é uma série de movimentos preestabelecidos executados individualmente, com um intuito técnico, tático ou estratégico implícito.

Segundo Antony (2015), o *Kata* segue a ideia japonesa de “*tatema*” e “*honne*”, onde o primeiro significa a face que o indivíduo expõe ao mundo exterior, sua aparência; enquanto o segundo se relaciona ao aspecto mais intrínseco do ser. Dessa forma, a proposta do *Kata*, que apesar de ser um padrão institucionalizado, utilizado em treinamentos formais, deveria também ser um meio para a reflexão do posicionamento do praticante tanto no desenvolvimento de suas táticas de combate quanto psicológico.

Uma vez que a proposta de se compilar técnicas na forma do *Kata* é compor um acervo de técnicas não-escrito, sua análise é de fundamental importância para que se entenda a complexidade do corpo técnico do Karatê.

Com a anexação do Reino de Ryukyu ao Japão em 1879 e seu processo de modernização deflagrado a partir da Restauração Meiji, muitos aspectos da cultura desta sociedade passaram por processos radicais de mudança. Lançando um olhar especificamente sobre o papel social das artes marciais, a extinção da classe samuraica como eixo militar e a ressignificação de suas práticas como “Caminhos” (*Dô*⁷) de desenvolvimento humano, implicaram em uma reformulação

⁴ O Termo *Quan-fa* se refere às rotinas de combate preestabelecidos (Formas) existentes nos estilos de Wushu derivados do Templo Shaolin. Wushu é um termo amplo que define uma variedade de estilos de combate chineses (BISHOP, 2017), e os estilos abordados neste trabalho estão expostos ao longo do capítulo 1. Os *Quan-fa* chineses têm sua importância aqui destacada pois foram eles as bases para a criação dos sistemas dos *Kata* dos primeiros estilos de Karatê (McCARTHY, 1995).

⁵ Fujian é uma província localizada no sudeste da China, que devido a sua proximidade geográfica de Okinawa, facilitou o intercâmbio econômico e cultural entre ambas as regiões (FROSI; MAZO, 2011)

⁶ “Na língua japonesa, os substantivos não mudam no singular ou no plural, mas sufixos de contagem são acrescentados de acordo com o que está sendo contado” (NIPPON HŌSŌ KYŌKAI, 2020). Considerando tal afirmativa, destacamos a inexistência do termo “Katas”.

⁷ *Dô* é a tradução japonesa para o termo chinês *Tao*, conceito chave da filosofia Confucionista, que por sua vez, utiliza como fonte a escola Taoísta. Segundo CORDEIRO (2009), o *Tao* preenche as ações humanas de sentido existencial, e sua metáfora com a palavra “Caminho” é um indicativo de que tal filosofia é um método de desenvolvimento intrapessoal, uma busca para um estado de perfeição mantido com naturalidade, modificando assim a própria natureza do ser através de suas

de suas metodologias, a fim de torná-las acessíveis a pessoas de todas as classes sociais de forma pedagógica e com cunho histórico e filosófico, a fim de preservar a identidade nacional ligada a tais práticas (DAI NIPPON BUTOKU KAI, 2004)

Atendendo a necessidade de tornar o Karatê um método pedagógico e democrático, primeiramente para as escolas infantis de Okinawa, e depois para o restante do Japão (FUNAKOSHI, 2015), o Kata passou a ser difundido segundo progressões adaptadas, enfatizando o correto posicionamento do corpo em detrimento de variações de aplicações de caráter mais lesivo, substituindo a conotação de instrumento de defesa por uma ideia de instrumento de desenvolvimento pessoal.

Devido ao alto risco de ferimentos durante o treinamento de técnicas de curto alcance como torções, chaves e esmagamentos, tais técnicas aos poucos passaram a ser camufladas em seus respectivos *Kata* de origem, ou eliminadas do corpo técnico do Karatê (ANTONY, 2015). As técnicas de projeção e de combate no solo, para evitar conflitos de interesse com a *Dai Nippon Butoku Kai*, passaram pelo mesmo processo que as técnicas de curto alcance, sob o argumento de que tal segmento era mais adequado de ser abordado pelas escolas do Judô, que também fazia parte do grupo das artes que compunham o Budô⁸ moderno de acordo com a Dai Nippon Butoku Kai.

Funakoshi também desenvolveu um sistema pedagógico da aplicação das técnicas aprendidas no Kata através do treinamento de Kumite (Combate contra um adversário real; a luta propriamente dita). Tendo em vista o caráter altamente lesivo das técnicas aplicadas em pontos vitais, os combates raramente eram parte do treinamento em Okinawa. A partir dos anos 1920, o novo currículo acentuadamente pedagógico proposto por Funakoshi sugere uma iniciação pedagógica ao Kumite, usando como elemento chave para a segurança o *sundome-waza* (técnica em que o executante de uma técnica evita o contato com o alvo parando sua técnica a centímetros do mesmo), e utilizando progressões em ambiente controlado que vão

ações. Sua correlação com o Karatê é uma alusão de que este é um possível meio de desenvolvimento pessoal e aprimoramento das virtudes físicas e morais.

⁸ Entende-se aqui por *Budô* as modalidades e escolas de artes marciais reconhecidas pela Dai Nippon Butoku Kai como patrimônio cultural e legado dos saberes das escolas de artes marciais desenvolvidas pelos samurais até o fim do período Edo (1600-1868) (DAI NIPPON BUTOKU KAI, 2004). *Judô*, *Aikidô*, *Iaidô* e *Kyudô* são alguns dos primeiros *Budô* reconhecidos pela Butoku Kai. O Karatê-Dô somente passou a compor este quadro em 1935.

desde situações com ataques e defesas em tempos predeterminados e que aos poucos passam ao combate livre, ainda que sem o contato direto (FUNAKOSHI, 2000).

O treinamento de Karatê passa por outras implementações a partir da década de 1950. Uma vez que este ganha mais representatividade nos clubes universitários a partir do recém-criado formado competitivo, o treinamento passou a se voltar para elementos estéticos visando a aferição de pontos de árbitros (NAKAYAMA, 2009). Dessa forma, as diferentes versões de Kata presentes em Okinawa que não eram válidas em competições passaram por um processo de obsolescência, juntamente com as diversas aplicações práticas de combate presentes nessas formas. Segundo críticos desse modelo, como Motobu Choki, o novo Karatê-Dô era uma arte “oca”, bonita por fora, mas sem valor real em termos práticos (CRAMER, 2018).

A respeito das técnicas utilizadas na competição de *Kumite*, o estabelecimento das regras de competição tinha o intuito de preservar a integridade física dos atletas, limitando a quantidade de golpes válidos. Para deixar mais clara a observação e atribuição de pontuações, as técnicas lineares de longo alcance passaram a ganhar representatividade no corpo técnico, por permitir a interrupção do golpe antes do contato com o alvo sem perder a clareza estética necessária para a atribuição de pontos. Técnicas consideradas ilegais, como o uso de joelhos e cotovelos, assim como golpes de mão aberta passaram para um segundo plano. Essa mudança afetou o posicionamento tático dos modernos lutadores de Karatê, passando de uma luta de curto alcance com uma gama de movimentos circulares, em sequência, além de imobilizações; para uma luta linear e de longa distância, visando ataques singulares⁹ com aceleração máxima (ANTONY, 2015).

Diante de tais modificações, sintetizamos a presente problematização na seguinte questão: Como o acervo técnico do Karatê foi modificado entre o início da Restauração Meiji em 1868 até a realização do primeiro campeonato realizado pela JKA em 1957?

⁹ Uma herança cultural que ganhou uma ressignificação com essa modificação tática é o conceito de *Ikken- Hissatsu*, cuja tradução seria “matar com um único golpe”. Essa idéia remete ao tempo de luta da esgrima, em que são raras sequências de golpes dado o potencial destrutivo de uma espada. Por essa razão, o karatê tem como característica marcante a busca por golpes únicos em um *timing* correto, com o intuito de se obter um movimento limpo como um corte de uma *Katana* (espada japonesa). (FUNAKOSHI, 2005)

Considerando o problema ora destacado, para realização da pesquisa o objetivo central será entender como o acervo técnico do Karatê foi modificado entre o início da Restauração Meiji em 1868 até a realização do primeiro campeonato realizado pela JKA em 1957.

Em relação aos objetivos específicos, nos pautamos pela categorização dos principais fatos históricos da cronologia do karatê, de forma que apresentamos três objetivos associados a cada um desses momentos, a saber: a) identificar quais os estilos de combate que contribuíram para a criação do Karatê nos séculos antecedentes ao início da Era Meiji; b) descrever as adaptações metodológicas realizadas nos primeiros anos de difusão do Karatê no restante do Japão até o início da Segunda Guerra Mundial; c) destacar os propósitos da fundação da JKA e a realização de seu primeiro campeonato.

Em relação à justificativa para o desenvolvimento desse trabalho, consideramos três níveis de envolvimento: pessoal, acadêmico e social. O primeiro deles, de cunho pessoal, envolve a preocupação com a quantidade e qualidade de informações sobre o universo das técnicas do Karatê que são passadas adiante. Uma vez que existe uma priorização de quais técnicas e contextos serão enfatizados, é natural que, a longo prazo, os conhecimentos técnicos e táticos que ficam em segundo plano, entrem em um processo de obsolescência. Tal processo ocorre também porque tais conhecimentos são transmitidos sob uma tradição oral, o que contribui para uma nova filtragem das técnicas a cada geração. Tais constatações me indicam que o Karatê, que possui raízes históricas holísticas, passou ser um produto de um contexto bastante específico, cuja finalidade é a aferição da qualidade a partir da forma, e não mais da função. Essas considerações possuem impacto pessoal para o autor a partir do ponto em que ele questiona a eficiência do conjunto de saberes do Karatê em contextos de combate sem restrições de regras. Como assíduo praticante de Karatê há mais de uma década e conhecedor e admirador da riqueza de detalhes biomecânicos que esta escola possui, questionar sua eficiência apesar da profundidade técnica, é uma válida provocação.

De um ponto de vista acadêmico, a maioria das pesquisas históricas sobre o Karatê no Brasil tem como ponto de partida o início de sua institucionalização na década de 1950. Para dar legitimidade às instituições, são emitidos certificados e traçadas as linhagens de mestres e discípulos e os locais para onde a arte se

disseminou, o que justifica a relativa facilidade no acesso de fontes a respeito destes períodos. É escassa a quantidade de obras que abordam os fenômenos que compunham o Karatê antes de sua disseminação para o mundo, sendo esta uma das maiores dificuldades encontradas durante a realização deste trabalho. A maior parte do esforço em levantar fontes históricas a respeito desse período vem de pesquisadores europeus ou estadunidenses que têm a oportunidade de analisar as poucas fontes preservadas ainda em Okinawa.

Numa perspectiva social, pensar a disseminação das lutas como um fenômeno ora educacional, ora de espetacularização, nos ajuda a compreender as necessidades que abriram espaço para a adesão de tais práticas como parte da cultura corporal das sociedades modernas. No contexto imperialista do Japão no século XX, as artes marciais eram um meio de transmitir ideais de disciplina, coragem e austeridade, necessários para a consolidação de uma propaganda carregada de ideais nacionalistas. Após a Segunda Guerra, as mesmas modalidades que eram disseminadas por ideais militaristas, numa tentativa de se desvincular do fracasso do império na guerra, ganham tons recreativos e de qualidade de vida. Tal mudança justifica também o surgimento do formato competitivo de algumas destas modalidades. Portanto, a relevância social se justifica na ideia de que os conceitos, métodos e valores transmitidos pela prática do Karatê estão sujeitos a interpretação e interesses dos agentes que os divulgam, o que abre a possibilidade de questionamentos quanto à sua neutralidade. Diante desta ótica, podemos encontrar diversos exemplos de tradição inventada (HOBBSAWN; RANGER, 1984) ao longo do período de disseminação do Karatê no Japão, como por exemplo: a desvinculação do nome *Karatê-Jutsu* com a China, a adoção de um uniforme e sistemas de graduação, e também a vinculação histórica com o *Bushidô* dos samurais japoneses a partir de valores confucionistas (KOTEK, 2016).

Em relação à organização do trabalho, além dessa “Introdução”, em que apresentamos de um modo geral como a pesquisa foi estruturada (juntamente com os “Procedimentos Metodológicos”, e da seção dedicada às “Considerações Finais”, desenvolvemos três capítulos, que apresentaremos a seguir.

O segundo capítulo (em seguida da “Introdução”), denominado “A Concepção do Karatê em Ryukyu”, destaca um levantamento dos eventos que impulsionaram a concepção das primeiras formas de Karatê, as escolas, estilos e

agentes contribuintes para esse processo, buscando exibir um retrato das possíveis nuances técnicas nele presentes até a metade do século XIX.

Já na seção “A Difusão do Karatê no Japão”, terceiro capítulo do trabalho, traça o pano de fundo do cenário japonês e sua nova organização política e social, bem como, as primeiras adaptações na metodologia de ensino do Karatê em resposta a tal organização.

O quarto capítulo (“O Karatê Enquanto Instituição”) exhibe o contexto em que o Japão se encontrava após a Segunda Guerra Mundial e as demandas por parte da comunidade que havia se organizado em torno do Karatê, juntamente com um reposicionamento ideológico acerca das artes marciais, que culminaram no início da organização de um formato esportivo do Karatê.

Por fim, na seção “Considerações Finais” apresentamos fatos presentes em cada desses três capítulos anteriores com destaque para uma análise de tais fatos a partir da relação com os objetivos definidos para a pesquisa, bem como, nossos entendimentos sobre como esse processo se desenvolveu.

1.1 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A seguinte pesquisa tem natureza qualitativa e utilizará a técnica da pesquisa documental (MARCONI; LAKATOS, 2003). A presente perspectiva de pesquisa, “não requer o uso de métodos e técnicas estatísticas. A interpretação de fenômenos e atribuição de significados é básica no processo da pesquisa qualitativa. [...]. Os pesquisadores tendem a analisar os dados indutivamente.” (MORESI, 2003, p. 9)

Juntamente com a técnica da pesquisa documental, utilizamos também a pesquisa bibliográfica, que apesar de serem semelhantes se diferenciam pelo uso das fontes, como observamos a seguir.

O elemento diferenciador está na natureza das fontes: a pesquisa bibliográfica remete para as contribuições de diferentes autores sobre o tema, atentando para as fontes secundárias, enquanto a pesquisa documental recorre a materiais que ainda não receberam tratamento analítico, ou seja, as fontes primárias. (SÁ-SILVA; ALMEIDA; GUINDANI, 2009, p. 6).

“A pesquisa bibliográfica é elaborada a partir de material já publicado (livros, artigos, teses, etc.), revisando de forma intensa a literatura existente sobre determinado assunto em questão.” (GIL, 2010, p. 29-43).

Para a realização desta pesquisa foram consultados livros, fotografias e documentos relacionados ao período descrito, tanto relacionados ao Karatê quanto a História do Japão, levando a uma melhor aproximação do objeto estudado. Também consultamos livros e artigos acadêmicos de pesquisadores sobre a história de Okinawa, dada a dificuldade de encontrar fontes e manuscritos originais daquele período. Existe um movimento recente de pesquisa a respeito do Karatê que era difundido no anonimato em Okinawa e que, por este motivo, ainda deixa muitas lacunas a serem preenchidas. Pesquisas nesta temática têm sido publicadas nas últimas três décadas na Europa e nos Estados Unidos da América. (McCARTHY, 1995) (ANTONY, 2015) (CRAMER, 2018).

Levando em consideração o período histórico abordado por esse trabalho, a qualidade e quantidade das fontes disponíveis, se faz necessário estabelecer alguns critérios de seleção das fontes. Considerando que mundialmente é reconhecida a existência de aproximadamente 60 escolas de Karatê (FROSI; MAZO, 2011), realizar um mapeamento sobre todas elas seria um trabalho extenso demais e que comprometeria o foco deste estudo. Desta forma, nos limitamos aos livros, fotografias, documentos e vídeos relacionados à escola Shotokan, de Funakoshi, por ter sido este o primeiro a realizar uma demonstração pública de Karatê fora de Okinawa e ter sido o primeiro a ter sua metodologia reconhecida pela Dai Nippon Butoku Kai (FUNAKOSHI, 2015). Além de terem sido seus discípulos os responsáveis pela organização da primeira federação de Karatê e, após a morte de Funakoshi, do primeiro campeonato de Karatê (NAKAYAMA, 2009).

Também foram consultadas autobiografias, cartas e diários pessoais. Por serem relatos, elas exigem uma interpretação a partir do contexto em que elas estavam inseridas, levando em consideração os propósitos da historiografia do Japão (EHALT, 2013).

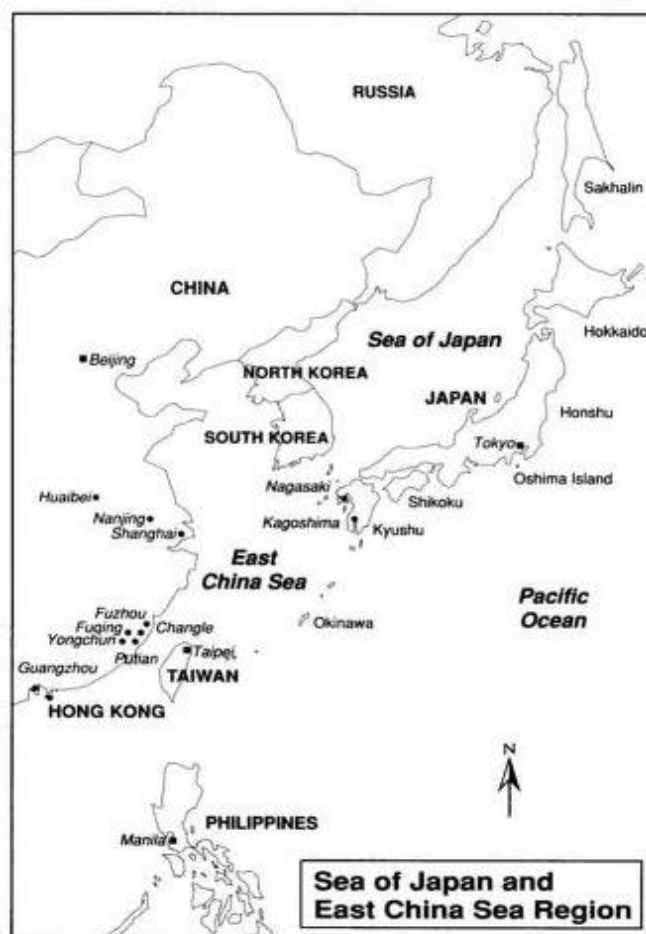
Os eventos que ocorreram entre 1868 e 1957 podem ser divididos em três momentos. Por esta razão, o trabalho está dividido em três capítulos, cada um deles detalhando os respectivos acontecimentos do período descrito.

2 A CONCEPÇÃO DO KARATÊ EM RYUKYU

O desenvolvimento da arte marcial conhecida hoje como Karatê tem seu início no arquipélago de Ryukyu, que atualmente corresponde à Prefeitura de Okinawa, no Japão. O reino de Ryukyu foi dominado pelo Clã Satsuma, de Kyushu, ao norte de Ryukyu em 1609, e foi finalmente anexado pelo Japão durante a Restauração Meiji, constituindo parte de seu território até os dias atuais (McCARTHY, 1995; BISHOP, 1999; CRAMER, 2018).

A economia do povo do reino de Ryukyu tinha como base o comércio marítimo, devido a sua posição geográfica e dificuldades de cultivo da terra. O arquipélago é uma rota comercial tanto para a China e o sudeste da Ásia quanto para o Japão. Tal posicionamento permitiu um intercâmbio comercial e cultural com tais reinos durante séculos (BISHOP, 1999).

FIGURA 1 - MAPA DO LESTE DA ÁSIA



FONTE: McCarthy (1995).

Inicialmente, as ilhas de Ryukyu se dividiam em três reinos até sua unificação em 1429. Em uma série de manobras diplomáticas, o rei Sho Hashi, de Chuzan, unificou seu reino com Hanzan, ao sul, e Hokuzan, ao norte. Em seguida, potencializou as relações comerciais com a China, fazendo uso de uma política existente desde um século anterior à sua ascensão (McCARTHY, 1995; BISHOP, 1999; CRAMER, 2018).

Existia uma política em que o Reino de Ryukyu pagava uma série de impostos ao império chinês para que este permitisse que os filhos das classes nobres de Ryukyu fizessem viagens à China para aprender os Clássicos Confucionistas. Em troca, O império chinês enviou emigrantes para estabelecer moradia em Ryukyu. Tal grupo é conhecido historicamente como “As 36 famílias”, que foram para Chuzan em 1349 (CRAMER, 2018).

Para manter a imagem positiva de ser uma rota comercial lucrativa e uma nação pacífica, o Rei assinou um decreto limitando a posse individual e a estocagem de armas ao exército do Rei de Ryukyu (BISHOP, 1999). Tal prática se mostra eficiente, e os laços comerciais e culturais com a China se fortalecem.

Estes dois fatos são relevantes para que se possa entender as causas que levaram a disseminação dos primeiros sistemas de combate corporal nas ilhas de Ryukyu. A alta classe dos oficiais de segurança do Rei, os *Peiichin*, se via diante de um contexto em que, desarmada, tinha a função de manter a ordem lidando com possíveis elementos perturbadores como: samurais de Satsuma bêbados nas casas de diversão de cidades como Naha, assim como a própria nobreza da região, bandidos comuns, ou ainda, forasteiros armados vindos do Japão, Coréia ou mercadores europeus e americanos (BISHOP, 2017).

Tendo em vista que tal função deveria ser executada com um policiamento ostensivamente desarmado, os *Peiichin* deram ênfase em desenvolver seu próprio conjunto de técnicas de combate em meio civil, que passou a ser conhecida informalmente como *Tê* (mão, em tradução livre) (McCARTHY, 1995; BISHOP, 1999; CRAMER, 2018).

O *Tê* utiliza-se principalmente de técnicas de pontos de pressão e de torções, estrangulamentos e imobilizações. Ele também permite que golpes de impacto, como socos e chutes (*atemi*) sejam utilizados em combinação com os elementos descritos anteriormente, no caso da necessidade de um agressor ser neutralizado rapidamente (McCARTHY, 1995; ANTONY, 2015)

Na tentativa de fornecer ao leitor contemporâneo uma visão inicial de como era o corpo técnico do *Tê* original, autores como Bishop (2017) o comparam ao Aikidô, pois os elementos técnicos de torções, pontos de pressão e posturas com ênfase na defesa ou esquiva, se assemelham aos de tal arte. No entanto, movimentos de *atemi* que são limados do Aikidô são permitidos no *Tê*, dado o seu caráter de ser um estilo enfático em questões de autodefesa.

O *Tê* também é conhecido como “Sumô de Okinawa” (FUNAKOSHI, 2014), pela existência de técnicas de projeção ao solo ou de imobilizar o oponente e deslocá-lo pelo espaço (dada a necessidade policial de neutralizar e conduzir um infrator), presentes no Judô e Sumô, respectivamente. Ainda assim, técnicas de estrangulamento que faziam parte do *jujutsu*, que posteriormente foram eliminadas em sua transição para o Judô, fazem parte do corpo técnico do *Tê*.

É importante frisar aqui que tal comparação tem caráter meramente ilustrativo. As origens históricas do *Tê* não são as mesmas que as das artes japonesas, tanto aquelas existentes nos antigos clãs de samurais (*Kobudô*), quanto suas versões modernas. Enquanto estas tiveram origem dos infundáveis estilos que compuseram as táticas de luta samuraicas durante séculos, as artes que deram origem ao *Tê* são de origem chinesa ou de Okinawa.

Uma vez que o *Tê* nunca passou por um processo de esportivização, como ocorreu com artes como o Judô, Kendô e o próprio Karatê, tais técnicas de caráter lesivo podem ser vistas com evidência maior em seu corpo técnico.

O *Tê* era uma dentre outras disciplinas aprendidas pelo guerreiro de Ryukyu nas eras que antecederam a invasão de Satsuma e o banimento do porte de armas. Antes desse período, a posse de armas era restrita à guarda do Rei. O *Tê* nesse período, tinha aplicação paralela à do *jujutsu* no Bushidô¹⁰ japonês, cuja finalidade era a de ser aplicada como recurso último, após a falha ou perda de todas as armas disponíveis no arsenal do combatente (BISHOP, 2017).

Uma vez que o banimento das armas ou da prática de treinamentos militares instaurou-se em Ryukyu, as táticas de batalha, formações de exércitos e técnicas de cavalaria, lanças e espadas, caíram em ostracismo, sendo escassos os

¹⁰ Entende-se por *Bushidô* (Caminho do Guerreiro, em tradução livre), o código de ética da classe dos samurais. Este é um conjunto de condutas que, apesar de não possuir um documento formal estabelecendo diretrizes, foi uma tradição perpetuada por séculos entre as famílias de samurais até a abolição desta classe, na Era Meiji (PEREIRA, 1975). O registro mais emblemático deste período é o Hagakure, obra de Tsunetomo (2004), que contém conselhos e relatos da época.

relatos de famílias que preservam o Kobudô de Okinawa. As disciplinas de combate sem armas como o *Tê* ganharam representatividade, e passaram a ser aprimoradas no anonimato dada a necessidade de autodefesa do oficial do Castelo de Shuri (BISHOP, 2017).

Para que seja possível traçar um retrato fidedigno do contexto dos estilos de luta que existiam no antigo reino de Ryukyu, é necessário dar atenção às influências chinesas existentes naquele ambiente, e seu peso sobre a técnica e as condutas que moldaram o fenômeno hoje conhecido por Karatê.

Os primeiros registros fiéis do contato entre a China e Ryukyu remetem ao episódio que ficou conhecido como a vinda das “36 famílias” (McCARTHY, 1995). Durante a Dinastia Ming (1368-1644), o Imperador Chinês enviou diplomatas ao Reino de Chuzan (o mais poderoso dos três reinos que viriam a se tornar o Reino de Ryukyu) exigindo que este se tornasse uma colônia tributária em troca de favores comerciais. O Rei de Chuzan, enxergando oportunidades culturais e comerciais, aceitou o acordo e permitiu, como gesto de boa fé, a vinda de famílias chinesas para a cidade de Naha em 1393 (CRAMER, 2018).

O distrito de Kume, que foi fundado por estas famílias foi um ambiente da difusão da cultura chinesa em Ryukyu. Jovens da nobreza eram enviados a esses distritos para aprender sobre o idioma, os Clássicos Confucionistas, produção de artefatos, arquitetura, literatura, tradições religiosas e as técnicas de luta chinesas (McCARTHY, 1995).

Os jovens capazes de aprender o idioma e as tradições chinesas com proficiência poderiam ser enviados pelo governo de Ryukyu como *Ryugakusei* (estudantes de intercâmbio) para alguma província chinesa. O objetivo dessas viagens de estudo era aprender, além dos costumes e tradições culturais e literárias, ofícios e o uso de tecnologias estrangeiras novas com o intuito de agregar valor e contribuir para o desenvolvimento de sua própria nação (McCARTHY, 1995; CRAMER, 2018).

O principal destino dos jovens de Okinawa era a província de Fujian, ao sudeste da China, dada sua proximidade com o arquipélago de Ryukyu. Após ter contato direto com os estilos de boxe chinês mais populares desta província, tais técnicas e *kata* presentes nestes estilos, os *Ryugakusei* que retornavam a Ryukyu passaram a difundir e estudar tais técnicas, mesclando-as ao corpo técnico do tradicional *Tê* (McCARTHY, 1995).

Na província de Fujian, alguns dos mais tradicionais estilos de boxe chinês presentes eram as variações do estilo da Garça Branca (*He Quan*) e do estilo do “Punho dos Monges”¹¹ do templo Shaolin (*Luohan Quan*). O registro escrito mais antigo que compila conhecimentos acerca destes estilos é o *Bubishi*, de autor e data desconhecidos. Dentre várias reedições, a edição traduzida por McCarthy (1995), fornece algumas impressões de como se organizam esses estilos. Em sua edição, o autor afirma:

The *Bubishi* is a text primarily on Yongchun White Crane and Monk Fist Boxing, two of primary forms of *gongfu* that served as the foundation upon which modern Karate-Do was developed. (McCARTHY, 1995, p. 151)

Em ambos os estilos, é dada ênfase nas técnicas de inspiração e expiração, combinadas à contração e relaxamento do corpo e à estabilidade através de um sólido jogo de pernas, em que a contração dos músculos dos membros inferiores, combinada com a expiração, iniciam uma cadeia cinética que é transferida aos membros superiores e por fim, ao movimento de ataque ou defesa (McCARTHY, 1995).

Executar o *quan* desenvolve a coordenação das técnicas de vibração, utilização de torque e giro dos quadris. Este uso servirá como um aprimoramento das possibilidades biomecânicas do indivíduo, permitindo uma otimização de sua performance mesmo utilizando uma energia física limitada (McCARTHY, 1995, p. 151, tradução nossa).

Ambos os estilos também possuem um número específico de *Quan* (a palavra chinesa para *Kata*, exercícios formais). Ainda que haja divergências sobre estes números conforme a linhagem de mestres e alunos, os escritos do *Bubishi* são uma tentativa de fazer um mapeamento das técnicas conhecidas que puderam ser registradas para a posteridade.

Essas duas características descritas acima ainda são visíveis na construção do corpo técnico do Karatê, conhecidas sob os nomes de *Kime* e *Kata*. Enquanto o primeiro termo abrange a síntese das contrações musculares aliadas à respiração, o segundo abrange a construção de sequências de exercícios em sequências de ataques, defesas e linhas de posicionamento de pés predeterminadas.

¹¹ Não existe na bibliografia uma tradução precisa para o termo *Luohan Quan* para o português. Autores como McCarthy (1995), Bishop (2017) e Cramer (2018) se referem ao estilo como “Monk Fist Boxing”, em tradução para o inglês.

O aspecto tático destes estilos chineses também merece destaque:

Flying Crane boxers rove around in circles with their bodies and arms relaxed, building power and energy before passing it to their shivering hands, which are held out straight. Imitating the flight of the crane, Flying Crane Boxers also leap about, stand in one leg, and extend their arms like the bird flapping its wings. Flying Crane Boxers use pliability to overcome strength; when an opponent is powerful, they employ power to contrary (McCARTHY, 1995, p. 155).

A passagem acima descreve em linhas gerais o aparato tático de uma das diversas vertentes do estilo da Garça presentes em Fujian. Nela, o estilo é descrito sendo leve e elusivo. O lutador estende os braços e usa movimentos grandes para se esquivar de ataques, lembrando o bater de asas de um pássaro de grande envergadura em fuga.

Os movimentos dos braços são sustentados pelo jogo de pernas, em que, segundo a descrição do texto, reforçam a ideia de um combate eminentemente defensivo e de longo alcance. Em várias artes, uma postura “sustentada em uma perna”¹² faz com que o lutador recue todo o seu peso corporal, mantendo distância do oponente com braços e a perna livre estendidos. O uso da pliometria também sugere saltos horizontais capazes de cobrir distâncias longas mais rapidamente do que se comparadas a uma passada natural.

O texto do *Bubishi* afirma que o Estilo da Garça Branca se originou a partir dos estudos do estilo do Punho dos Monges. Por essa razão, o texto também traz uma descrição deste estilo, a fim de que seja possível compará-los:

Monk Fist Boxing emphasizes physical strength, knuckle and forearm development. Basic training centers around cultivating *qi* and strength in training in hourglass and horse stances. [...] Boxers hide their intentions in their *quan*, but are proficient in striking vital points, dislocating joints, grappling and strangulations, breathing exercises and learning other related concepts, including herbal medicine and moral precepts. (McCARTHY, 1995, p. 155).

Este estilo dá ênfase na estabilidade, utilizando-se de posturas¹³ que projetam o centro de gravidade do corpo para baixo a partir de fortes contrações do

¹² No caso do Karatê moderno, essa postura seria conhecida como *Neko-ashi Dachi* (Postura dos pés de gato).

¹³ O termo “postura do cavaleiro” descrito no trecho é uma possível alusão à postura que veio a ser conhecida no Karatê como *Kiba-Dachi* (ver figura 3).

abdome. Tal esquema contribui para a transferência da força da contração dos membros inferiores para os membros superiores, que é aproveitada para a realização de defesas capazes de lesionar os braços e pernas dos adversários atacantes. O desenvolvimento da força dos antebraços existe para potencializar este efeito. (McCARTHY, 1995).

FIGURA 2 - GO KENKI DEMONSTRA POSTURA RECUADA¹⁴



FONTE: McCarthy (1987).

FIGURA 3 - ILUSTRAÇÃO DA POSTURA DO CAVALEIRO NO BUBISHI



FONTE: McCarthy (1995).

¹⁴ Esta é uma demonstração dos estilos chineses em Osaka, onde Kenwa Mabuni, fundador do Karatê Shito-Ryu, aparece no canto esquerdo da imagem.

A ideia de “esconder as intenções em seu *quan*”, seguida de uma descrição de técnicas traumáticas, infere uma prática que posteriormente veio a ser utilizada no ensino dos Kata em Ryukyu e, posteriormente no Japão, durante a fase de popularização do Karatê. É comum que o Kata contenha movimentos aparentemente abstratos, ou que descrevam táticas de luta de natureza aparentemente duvidosa quanto a sua funcionalidade (ANTONY, 2015). Este fenômeno ocorre com a finalidade de ocultar as possíveis aplicações que o movimento possui, seja para restringir a quantidade de informações técnicas que seriam dadas a alunos iniciantes, ou para tornar o processo de aprendizagem mais simplificado. Outra possível explicação também é o uso dos movimentos no intuito de desenvolver algum tipo específico de consciência corporal, ampliando o repertório motor do praticante para que este seja capaz de utilizar melhor suas possibilidades de movimento em outras técnicas. Um exemplo deste recurso metodológico é a execução de movimentos lentos em Kata de diversos estilos. O movimento lento tem o intuito de enfatizar técnicas de controle da expiração, em conjunto com a contração muscular do abdome e das pernas. Tal contração é simultânea ao relaxamento dos ombros e alinhamento dos braços, otimizando a via mecânica da transferência de força da base para os braços no momento de um golpe ou defesa.

Um acontecimento posterior ao início das relações entre a China e Ryukyu que também teve impacto significativo na construção do retrato destas tradições marciais é a invasão de Ryukyu pelo Clã de Satsuma, proveniente das Ilhas Kyushu. (McCARTHY, 1995; ANTONY, 2015; BISHOP, 2017; CRAMER, 2018).

Em 1600, a Batalha de Sekigahara é o marco que representa a unificação política do Japão sob o comando do Xogum Iyeasu Tokugawa. O clã de Satsuma havia apoiado as forças opositoras de Hideyoshi Toyotomi e, após o fracasso na batalha, encontrava-se com os recursos financeiros e militares comprometidos. Temendo uma revolta por parte de Satsuma, o Xogum permite que, para reaver seu débito e restaurar a moral de seus samurais, Yoshihisa Shimazu inicie uma campanha de conquista do próspero Reino de Ryukyu (BISHOP, 2017).

Em maio de 1609, o castelo de Shuri é conquistado e o Rei Sho Nei é exilado para Edo (A capital do Xogunato, atualmente Tóquio). O domínio do Clã do feudo de Satsuma sobre Ryukyu persiste até a Restauração Meiji e a dissolução do

Reino na atual Prefeitura de Okinawa, em 1879, totalizando 270 anos de domínio. (McCARTHY, 1995).

Com o início do novo Xogunato, para manter a identidade nacional, o Japão interrompe relações com outros países. (EHALT, 2013). No entanto, em Ryukyu as relações comerciais com a China são uma exceção tendo em vista o lucro que o clã de Satsuma poderia obter através de tal relação. O Xogunato também poderia usar tal relação para evitar possíveis conflitos com o império chinês. Bishop afirma:

A partir de então, até 1879, o Reino de Ryukyu foi incorporado na lista dos domínios territoriais de Satsuma, e os monarcas e oficiais de Ryukyu eram mantidos em suas funções administrativas, desempenhando suas funções como marionetes, enquanto o comércio de bens era planejado e controlado a benefício de Satsuma (BISHOP, 2017, p. 21, tradução nossa).

Para ressaltar o domínio de Satsuma e evitar possíveis revoltas, foi lançado um novo decreto de proibição de posse e estocagem de qualquer tipo de armas para os cidadãos de Ryukyu. Este decreto impulsionou a busca pelo aperfeiçoamento do combate sem armas, principalmente pela classe dos *Peiichin*. Cramer afirma: “A maioria dos historiadores concorda que o Karatê, a única forma de combate sem armas exclusiva de Okinawa, deve sua criação ao segundo banimento do porte de armas.” (CRAMER, 2018, p. 45).

A classe dos *Peiichin* encontrava-se em posição favorável para estudar os costumes, etiqueta e artes marciais tanto chinesas quanto japonesas. Muitos deles estudaram primeiramente na China para aprender a cultura e os clássicos Confucionistas por um período mínimo de três anos (CRAMER, 2018) antes de desempenhar seu ofício. Durante seu tempo de serviço, alguns *Peiichin* puderam viajar para o feudo de Satsuma e aprender, além de normas e costumes a serem seguidos, o estilo de esgrima do clã, o *Jigen-Ryu*.

O *Jigen-Ryu* tem como característica marcante os ataques lineares de longa distância em um tempo único (ANTONY, 2015). O objetivo é realizar um combate de finalização rápida, sem golpes que diminuem a energia do adversário progressivamente. A característica linear e ofensiva deste estilo deixa até mesmo movimentos defensivos em segundo plano, tendo em vista a ênfase no primeiro golpe.

O *Jigen-Ryu* dá importância para o primeiro golpe da espada, que deve ser extraordinariamente rápido e poderoso para abater qualquer oponente. O

Jigen-Ryu ensina que um segundo golpe nem mesmo deve ser cogitado (MAKOTO, 2008).

O principal método de treinamento no *Jigen-Ryu* é a prática do *Tategui-Uchi*. Este treinamento consiste em acertar uma tora de madeira fixa no chão com golpes em diagonal, utilizando uma espada de madeira. O espadachim se posiciona a uma distância de aproximadamente nove metros do alvo e adota uma postura com a espada na altura da cabeça, ao lado direito. Enfim, ele se aproxima do alvo até que, na distância apropriada, acerta o alvo com golpes transversais com um grito (conhecido nas artes japonesas como *kiai*). O objetivo da prática é ensinar a distância e *timing* corretos, assim como o uso dos quadris, a empunhadura correta e a aplicação da velocidade (JIGEN-RYU TOGO FOUNDATION, 2003).

O principal responsável por sintetizar os conhecimentos das artes chinesas, do *Tê* de Ryukyu e do *Jigen-Ryu* foi Sokon Matsumura. Ele foi um *Peiichin* que serviu a três gerações de reis de Okinawa; estudou a cultura e artes marciais em Ryukyu, em Fujian e em Satsuma e foi o responsável por sintetizar estes estilos em uma arte original, transmitindo-a para homens que se tornaram os precursores dos estilos modernos de Karatê de Okinawa e do Japão (McCARTHY, 1987; FUNAKOSHI, 2000; CRAMER, 2018)

Matsumura aprendeu primeiro as artes nativas de Okinawa sob o olhar atento de Kanga Sakugawa, e posteriormente, enquanto serviu como um agente da segurança de três reis de Ryukyu consecutivos, estudou em Fujian e Satsuma [...]. Recebendo seu *Menkyo* (licença para ensinar) de *Kenjutsu Jigen-Ryu* de Ijuin Yashichiro, Matsumura foi responsável por sintetizar os princípios únicos do *Jigen-Ryu* com os das tradições chinesas e nativas de Okinawa que ele também estudou. Dessa forma, Matsumura se tornou a pedra central de uma eclética tradição de autodefesa que aflorou no distrito do castelo [de Shuri] e arredores [...] (McCARTHY, 1987, p. 144)

No parágrafo seguinte, McCarthy (1987) cita alguns nomes de pessoas que treinaram sob a supervisão de Matsumura, como Anko Asato, Anko Itosu, Gichin Funakoshi, Ryosei Kuwae, Hanashiro Chomo e Chotoku Kyan. É creditado a Matsumura o uso da definição de sua arte marcial com o nome de *Toudi* ou *Karatê*¹⁵, utilizando o kanji de *Tê* em referência a arte nativa de Ryukyu e *Tou* em referência à Cinha (ANTONY, 2015), deixando explícita a síntese de estilos que culminaram

¹⁵ Toudi, Todê, ou Karatê são pronúncias diferentes para os mesmos kanji: 唐手

no desenvolvimento de uma arte nova, nem essencialmente chinesa, nem de Ryukyu (CRAMER, 2018).

Ainda em tempos atuais, muitos estilos de Okinawa praticam os *Kata* desenvolvidos ou passados adiante por Matsumura. Tais *Kata* Contém uma série de técnicas com bases com o centro de gravidade elevado e pouca abertura dos pés, assim como torções, estrangulamentos (*Shime Waza*) e técnicas de projeções escondidas, alternando-se com técnicas de golpes de aceleração linear. (ABERNETHY, 2010; BISHOP, 2017).

Segundo Antony (2015), uma das possíveis interpretações para o corpo técnico dos *Kata* de Matsumura abrange a necessidade do Oficial de Segurança do Rei de ter que lidar com diferentes ameaças, e possíveis respostas a elas: algumas delas incluiriam o uso de golpes lineares de longa distância como o *Oizuki* em combates individuais, o uso de torções e golpes em pontos expostos em armaduras dos samurais de Satsuma, imobilizar e neutralizar possíveis perturbadores da ordem ou desvencilhar-se de técnicas de imobilização, por meio de chaves articulares e técnicas de projeção ao solo.

Ao traçarmos algumas das possíveis influências participantes no processo de desenvolvimento do Karatê, podemos observar suas raízes holísticas. Por essa razão, não se encontram fundamentos históricos para compor uma ideia de uma linhagem tradicionalista ou linear do Karatê. Este fenômeno é um produto de diversas vertentes e marcado pelo posicionamento individual do praticante, uma vez que a síntese de novos métodos a partir da integração de métodos de diferentes regiões, é uma tarefa sujeita a interpretação individual do praticante daquele período.

Segundo Antony (2015), Matsumura foi responsável pela primeira grande mudança no estabelecimento dos princípios básicos do Karatê, seguidos por muitos estilos remanescentes até a atualidade. No entanto, um processo de padronização somente inicia-se ao final dos anos 1920, com o intento de Gichin Funakoshi no restante do Japão. Tal situação será abordada no próximo capítulo.

3 A DIFUSÃO DO KARATÊ NO JAPÃO

Em 1868, inicia-se no Japão o Período Meiji, que marcou uma série de mudanças políticas e culturais significativas para a realidade do povo japonês. Este período marca o início de um acelerado processo de modernização, adesão aos padrões comportamentais ocidentais e expansão política e territorial do império japonês. Segundo Sasaki (2017), “A Restauração Meiji alterou totalmente a liderança política do Japão e fortaleceu a vontade de aprender sobre o Ocidente, levando à sua instauração em 1868”.

Dentre tantas reformas, a primeira delas é a devolução do poder central do governo ao Imperador, destituindo o Xogunato da Família Tokugawa, que permaneceu no poder desde 1600. Tal mudança possibilitou o fim de uma rígida política de isolamento e a abertura dos portos japoneses a outras nações. Outra consequência desta abertura foi a remodelação da economia japonesa, em que seu antigo sistema de produção feudal cedeu espaço a um modelo de produção capitalista, baseado nos padrões das potências ocidentais. O novo governo também investiu no desenvolvimento da indústria, sistemas ferroviários e comunicações, e subsidiou o surgimento de grupos empresariais oriundos dos antigos clãs (os *zaibatsus*), que se tornaram potências comerciais conhecidas até os dias atuais (CRESPO *et al.*, 2016).

O imperador também realizou uma reforma agrária e de classes sociais para centralizar seu poder. Primeiramente, os antigos feudos foram extintos e seu controle passou de um senhor feudal (*Daimyô*) para um governante escolhido pelo Estado. Uma vez controlados pelo Estado, os limites provinciais foram redesenhados e passaram a ser denominados Prefeituras. Em seguida, reconhecendo o peso tributário que a classe samuraica representava para o Estado, o governo extinguiu tal classe progressivamente, exercendo políticas de tributação de soldos e proibições do uso de outros símbolos de pertencimento da classe como o porte de armas ou o corte de cabelo (McCARTHY, 1987; FUNAKOSHI, 2014).

Portanto, o Japão possuía dois desafios ao entrar na Era Meiji: o primeiro deles era o da modernização tecnológica. Ao sair de um sistema feudal em um período em que as maiores potências do ocidente já haviam passado por um processo de Revolução Industrial, o Estado Meiji investiu no mesmo processo, enviando pessoas para aprender sobre as diferentes áreas do conhecimento no exterior, e contratando estrangeiros para treinar japoneses em suas especialidades.

O segundo desafio era proteger seus domínios destas mesmas potências. Tendo em vista o neocolonialismo das potências europeias do fim do século XIX, o Japão também deu início a uma política imperialista, para proteger suas fronteiras com o Leste da Ásia e ser reconhecido pelas outras nações por sua eficiência militar (SASAKI, 2017).

A mudança abrupta na postura de relações internacionais do Japão (saindo de um regime de isolamento para um acelerado processo de assimilação da tecnologia ocidental), levantou a hipótese de que, durante esse processo, o Japão poderia perder sua legitimidade nacional de acordo com os interesses do mundo ocidental. Em resposta a uma possível doutrinação externa, o Império do Japão busca disseminar um ideal nacionalista conhecido como *Kokutai* (BISHOP, 2017; CRAMER, 2018).

O objetivo do *Kokutai* era explorar o passado histórico do Japão, atribuindo a ele uma ressignificação progressista, justificando o processo de desenvolvimento tecnológico, econômico e político com o ideal de fortalecimento da Nação. Segundo Ehalt (2013), a historiografia japonesa tinha o objetivo de legitimar o novo estado Meiji diante das outras nações, enquanto sua propaganda visava utilizar os ideais confucionistas presentes há séculos nas camadas sociais japonesas para fortalecer o apoio e o controle populacional. Essa mentalidade pode ser ilustrada em exemplos como a propagação do argumento da legitimidade do Imperador em sua linhagem, preservada desde a Era Yamato (250-710), sendo esta uma linhagem descendente da própria deusa Amaterasu, segundo a tradição Xintoísta.

Um dos principais legados culturais que o Japão antigo deixa para o Japão Meiji é o ideal das virtudes do samurai. O arquétipo do fiel servo do senhor feudal, proficiente nas artes e na guerra, letrado e disciplinado; transmite um dever de busca pela perfeição humana, romantizado e difundido na cultura contemporânea (EHALT, 2013; KOTEK, 2016).

A ideia de força e obediência que o modo de vida que o samurai levava influenciou todas as camadas da sociedade japonesa durante séculos. Esta ideia de piedade filial, baseada nas ideias confucionistas (HOFFMANN, 2007), contribuiu para um sentimento geral de conformidade com a hierarquia e a obediência absoluta ao Imperador, se tornando, portanto, um instrumento para a difusão do ideal de *Shugyô* (austeridade) (McCARTHY, 1987), para a consolidação do novo Estado.

Portanto, os antigos ideais do *Bushidô* passaram também por um processo de ressignificação de modo a atender a ideais filosóficos difundidos pelo Estado Meiji visando o fortalecimento da identidade nacional japonesa (McCARTHY, 1987).

Por esta razão, todo o conjunto de artes, estilos e técnicas conhecido como *Bujutsu*, que tinha por finalidade sua aplicação nos campos de batalha, passou por um processo de reformulação técnica e filosófica, e num segundo momento, por uma compilação de técnicas de estilos de diversos clãs. Essa compilação passou a ser conhecida como *Budô*. Em 1895, é fundada em Kyoto, sob ordem do Imperador, a *Dai Nippon Butoku Kai* (ASAI SHOTOKAN ASSOCIATION INTERNATIONAL, 2015), cujo objetivo era regulamentar a prática das artes marciais, sob um prisma de desenvolvimento cultural e intrapessoal.

Segundo Antony (2015), a missão da Dai Nippon Butoku Kai é “organizar, padronizar e supervisionar toda a comunidade de artes marciais do país”. Para reforçar os sistemas de hierarquia, a Butoku Kai instituiu os sistemas de graduação (Kyu/Dan), e títulos para praticantes distintos, tais como Shihan, Hanshi, Kyoshi ou Tasshi.

A Butoku Kai ainda era responsável por outras tarefas como reunir armamentos antigos para exposição, reunir documentos históricos acerca dos antigos estilos de luta e realizar demonstrações públicas de artes marciais (CRAMER, 2018).

E é a partir destas demonstrações públicas que o Karatê de Okinawa encontra sua primeira via de disseminação para o restante do Japão. Em 1921, o príncipe herdeiro do Japão, em viagem a Okinawa, assiste a uma demonstração de Karatê, no castelo de Shuri, organizada por Gichin Funakoshi. No mesmo ano, o Ministério da Educação organiza uma demonstração de artes marciais em Tóquio, e a Prefeitura de Okinawa envia Funakoshi novamente como seu representante (FUNAKOSHI, 2014).

Após tal apresentação, Funakoshi relata que foi convidado por Jigoro Kano, o fundador do Judô Kodokan, a ensinar a ele e seus alunos alguns conceitos e movimentos de Karatê. Aos poucos, Funakoshi recebe outros pedidos formais de pessoas desejando se tornar seus alunos no Karatê. Tal demanda impulsiona Funakoshi a estabelecer residência definitiva em Tóquio, na tentativa de disseminar o Karatê para além das ilhas de Okinawa (FUNAKOSHI, 2014; CRAMER, 2018).

Funakoshi se viu numa necessidade de adequar-se aos padrões da Butoku Kai para transformar sua arte, desconhecida do público japonês em um Budô. Cramer (2018) afirma que: “Quando os primeiros professores de Karatê viajaram de Okinawa para o Japão no início dos anos 1920 e introduziram a arte ao público japonês, eles descobriram que, para os padrões institucionais japoneses, o karatê não era cultivável e sem uma organização lógica, ou especificidade. Em suma, ele não era japonês”.

O Karatê, em Okinawa, era uma arte que, apesar do rigor da relação entre professor e aluno, foi concebido de forma holística, alimentando-se de diversas fontes e valendo-se da troca de experiências entre praticantes, permitindo que cada lutador construísse sua própria “arte”. Portanto, não existia a necessidade de um currículo e uma metodologia de ensino convencionadas ou documentadas, tampouco um método de avaliação (McCARTHY, 1995).

Um segundo ponto importante é a ascendência histórica da concepção do Karatê. No Capítulo I, foi mostrada a relação de intercâmbio que o extinto reino de Ryukyu possuía com a China, e a influência do boxe chinês para a criação de alguns estilos de Karatê. Tal relação é vista na própria grafia utilizada na escrita da palavra *Karatê*, com o *Kanji* de *Kara* fazendo referência a China. Tal escrita era comumente utilizada até a década de 1930. (ANTONY, 2015; CRAMER, 2018). Além disso, muitos nomes de Kata eram descritos no dialeto de Okinawa, seguindo uma pronúncia chinesa (FUNAKOSHI, 2014). No Japão imperialista, tal relação possuía um impacto negativo na imagem do Karatê, pois a propaganda nacionalista (Kokutai) implicava num ideal xenofóbico, principalmente em relação a nações inimigas do Japão no período, como a China e a Rússia (MACEDO, 2017).

Em terceiro lugar, a ressignificação da função social das artes marciais japonesas implicou num processo de reestruturação de suas nomenclaturas, especificidade, currículo técnico e objetivos. Enquanto os samurais denominavam as artes marciais como “técnicas” (*jutsu*) cujo objetivo era neutralizar ou matar o inimigo, a modernização e a padronização proposta pela Butoku Kai, redefiniu essas artes márcias como “Caminhos (*Dô*) de desenvolvimento humano” (McCARTHY, 1995; ANTONY, 2015; BISHOP, 2017; CRAMER, 2018). Neste contexto, a eficácia marcial, além de deixar de ser um objetivo, passa a ser vista como um obstáculo para o ensino, dado o risco de ferimentos. Por estas razões, as técnicas consideradas com maior potencial lesivo passam a ser ou mascaradas, ou

esquecidas, na finalidade de desvincular-se da guerra, voltando-se a objetivos educacionais (JOHNSON, 2013; ANTONY, 2015; ABERNETHY, 2017).

Para que o Karatê de Okinawa fosse reconhecido como uma arte japonesa pela Butoku Kai, ele deveria se ajustar às normas propostas por tal entidade. O intento de Funakoshi era obter tal validação para levar adiante seu ideal de disseminação do Karatê. Esta necessidade o obriga a realizar algumas mudanças em diferentes aspectos, que a longo prazo, transformaram o Karatê ensinado por ele no Japão, diferente do que ele aprendera em Okinawa. O próprio Funakoshi afirma, em sua autobiografia:

Os tempos mudam, o mundo muda e obviamente as artes marciais também devem mudar. O karatê que os alunos de segundo grau praticam hoje não é o mesmo que era praticado há dez anos, e é bem grande a distância que o separa do karatê que aprendi quando era criança em Okinawa. (FUNAKOSHI, 2014, p. 47)

A primeira mudança significativa implementada por Funakoshi foi a transição do nome e da grafia de sua arte. Até então, dentre outras nomenclaturas utilizadas em Okinawa, a mais comum no período de Funakoshi era *Karatê-Jutsu* (唐手術). Nesta grafia, *Kara* (唐) é uma referência a China, *Tê* (手) é a tradução literal para “mão” e por fim, *Jutsu* (術) é a palavra para “técnica”, um indicativo de que este era um sistema de combate. (ANTONY, 2015; FUNAKOSHI, 2015; CRAMER, 2018).

Funakoshi, para contornar a problemática da imagem chinesa que o Karatê carregava, substituiu o caractere 唐 por 空, que tem a mesma pronúncia (*Kara*). No entanto, o significado deste último pode ser traduzido para “Vazio”, fazendo conotação tanto ao fato de o treinamento de ser uma arte que não utiliza armas, quanto à influência budista tanto de Funakoshi quanto das artes japonesas em geral, a respeito de “esvaziar o coração e a mente de todo desejo e vaidade terrenos” (FUNAKOSHI, 2014, p. 47).

A troca do sufixo *Jutsu* (術) por *Dô* (道), remete a transição ideológica que abrangia o ensino das artes marciais, trocando o contexto dos combates reais pelo da busca do aperfeiçoamento do ser. *Dô* é a tradução japonesa de *Tao*, o elemento central da conduta Taoísta, trazendo assim a ideia de que o Karatê seria um “Caminho” vitalício de autoaperfeiçoamento, um estilo de vida (FUNAKOSHI, 2005).

Segundo Antony (2015), “ele fez isso baseado nos seus propósitos filosóficos e com o objetivo de transportar as técnicas, outrora eficientes e mortais, para um contexto que transcende a extinta ‘Guerra Samurai’, e onde elas pudessem ser alcançadas e desenvolvidas por todos.”

Portanto, Funakoshi batizou sua arte de Karatê-Dô, traduzido por “*Caminho das Mãos Vazias*”, na década de 1930. Segundo Cramer (2018), a primeira vez que a palavra *Karatê* aparece escrita com o caractere para *Vazio* data de 1905, por Hanashiro Chomo, ainda em Okinawa. No entanto, a transição tornou-se famosa a partir de Funakoshi.

A versão do livro *Tote Jitsu* de Funakoshi, de 1926, usa o termo *Karatê-Jutsu* (唐手術), enquanto a primeira versão de *Karatê-Dô Kyohan*, de 1935, traz impresso os caracteres 空手道 (Figura 4).

FIGURA 4 - PUBLICAÇÕES DE GICHIN FUNAKOSHI



FONTE: Funakoshi (1926; 1935).

A segunda mudança importante de Funakoshi é a implementação de um sistema de hierarquia para os estudantes de Karatê. Para se adequar às normas da Butoku Kai, Funakoshi criou um sistema de graduação em que a cor das faixas amarradas ao uniforme do praticante indicaria seu tempo de prática. Tal sistema foi inspirado do Judô de Jigoro Kano, que foi um dos incentivadores de Funakoshi a estabelecer residência em Tóquio. Além disso, Funakoshi padronizou o uniforme, que também foi espelhado ao padrão do Judô (ANTONY, 2015; FUNAKOSHI, 2015).

A mudança mais importante para o objeto de estudo deste trabalho está na elaboração e padronização do currículo, que também seria utilizado como instrumento de avaliação. Em Okinawa, o treinamento comumente era individualizado e centrado somente no kata. Era normal que o praticante tivesse seu treinamento limitado a um único kata por anos. Funakoshi relata seu exemplo pessoal de ter despendido uma década treinando somente as três formas do kata Naihanchi, depois renomeado Tekki (FUNAKOSHI, 2014).

Em um contexto em que o Karatê deixou de ser ensinado no anonimato para ser ensinado publicamente em um Dojô, e com turmas coletivas e heterogêneas, possivelmente sem experiência prévia em lutas como o Karatê, fazia-se, portanto, necessária a existência de uma metodologia pedagógica e padronizada.

Por essa razão, Funakoshi primeiramente dividiu o treinamento em três eixos, e elaborou uma progressão para cada um deles segundo a graduação do aluno.

A etapa mais elementar do treinamento passou a se chamar *Kihon* (fundamentos), onde o aluno assimilará as possibilidades biomecânicas de cada técnica isoladamente. O objetivo é tomar consciência desses pontos-chave para a geração de energia (contato com o solo, distribuição de peso, posicionamento dos membros, relaxamento e contrações isométricas, aprendizagem das formas de ataque e defesa). O domínio de tais fundamentos se faz necessário para a integração das técnicas nos estágios seguintes (FUNAKOSHI, 2014).

O formato em que o treinamento do kihon é oferecido nos dojos reflete o legado de *Shugyô* (austeridade) em que as artes marciais japonesas estavam incumbidas de ensinar no período do imperialismo japonês. Ele segue um fluxo de comandos que lembra os modelos militares, com cada gesto devendo ser executado

sob uma voz de comando firme do instrutor. Os alunos são dispostos em uma formação que permite que eles avancem e recuem em linha reta, geralmente com cinco comandos para avançar e cinco para recuar (KOTEK, 2016).

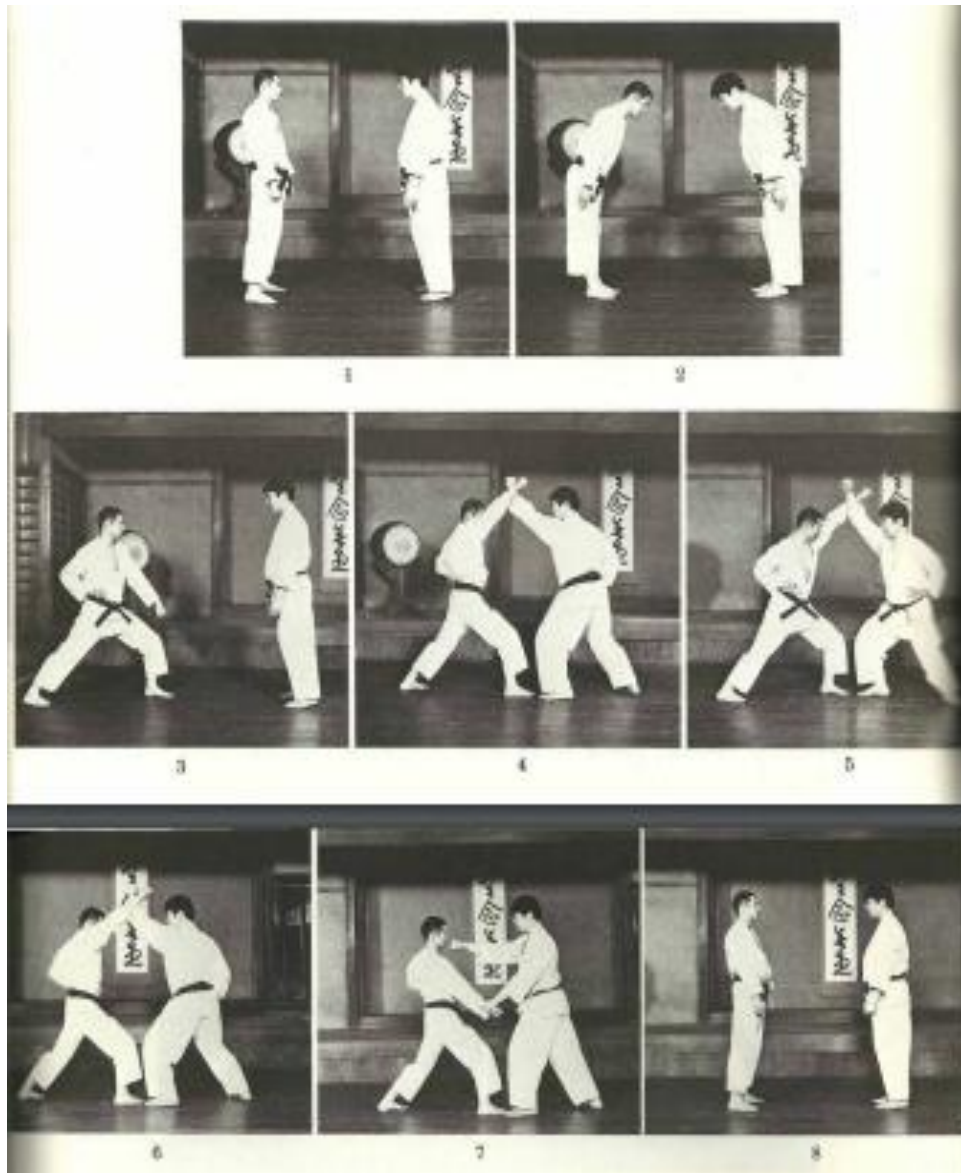
O segundo eixo é o Kata propriamente dito. Neste eixo, Funakoshi atribui um sentido diferente ao treinamento de Kata, correlacionando-o diretamente ao sistema de graduações. Para que o praticante pudesse conquistar uma nova graduação, ele precisa dominar um Kata específico prescrito para sua graduação. A ideia é que cada um dos *Kata* obedeça a um progressivo aumento de dificuldade técnica. Por essa razão, Funakoshi escolheu os cinco Kata Pinan¹⁶ para serem os primeiros de sua progressão pedagógica, e estabeleceu cada um destes cinco *Kata* como um requisito necessário para a obtenção das primeiras graduações. Portanto, o primeiro Heian é o Kata correspondente a primeira faixa, o segundo Heian para a segunda e assim por diante (ANTONY, 2015).

O terceiro eixo da prática é o Kumite. Segundo Nakayama (2009), o Kumite praticamente não era realizado em Okinawa, tendo em vista o risco de traumas caso uma técnica de Karatê fosse aplicada. Funakoshi começa a elaborar uma progressão pedagógica para o Kumite, partindo de um combate fechado, com ataques, defesas e ritmo predeterminado, e aos poucos, explorando variações de ataques e contra-ataques.

Seguindo o ritmo de cinco passos do Kihon, o primeiro elemento do Kumite é o Gohon-Kumite (combate de cinco passos), onde o atacante avança, segundo a contagem do instrutor, com o mesmo golpe enquanto o defensor recua cinco vezes com a mesma defesa, ambos em linha reta. Na última defesa, é permitido ao defensor desferir um contragolpe. O objetivo é transferir a técnica do Kihon para o Kumite, enquanto se aprende elementos básicos do posicionamento em combate, como a distância e timing. Uma versão simplificada deste exercício é o Sanbon-Kumite, onde os cinco passos são reduzidos a três (FUNAKOSHI, 1973; NAKAYAMA, 2009).

¹⁶ Um detalhe importante sobre as nomenclaturas é a tradução dos nomes das técnicas e principalmente, *Kata* do dialeto de Okinawa para o Japonês. Funakoshi, a exemplo da mudança do nome de seu estilo, renomeou seus *Kata* atribuindo-lhes, um novo sentido. *Pinan* se tornou *Heian*, cuja tradução seria “Paz e Tranquilidade”, remetendo ao equilíbrio interno que o praticante deve buscar. *Kushanku* se tornou *Kanku*, que significa “Contemplar o universo”, ou ainda *Naihanchi* se tornou *Tekki*, o “Cavaleiro de Ferro” (JOHNSON, 2013).

FIGURA 5 - SANBON KUMITE



FONTE: Funakoshi (1973).

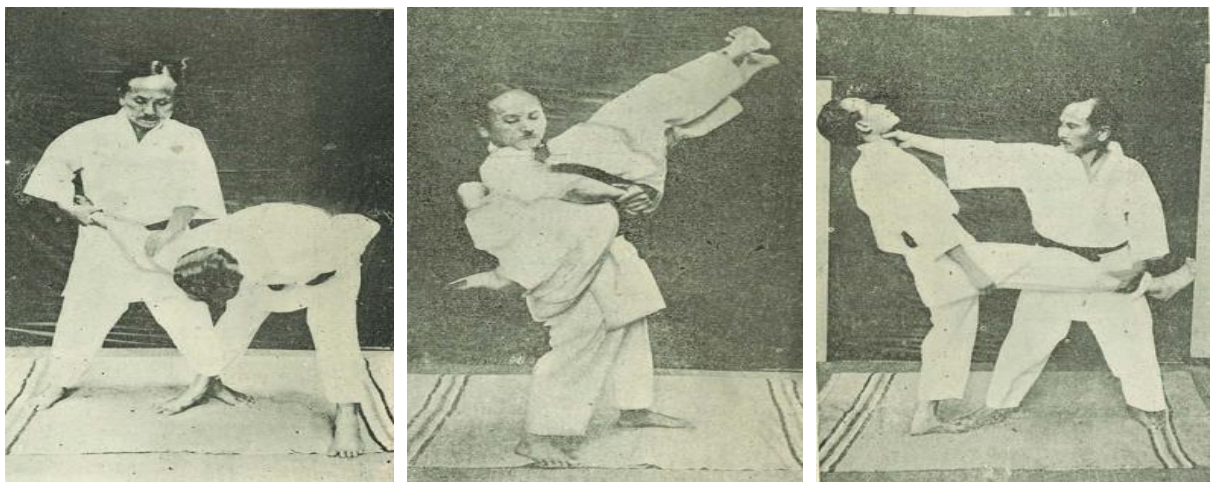
Em seguida, ensina-se o Ippon Kumite (Combate de um passo). A diferença entre este e seu antecessor é que, enquanto no Gohon Kumite, o praticante desloca-se em linha reta. No Ippon Kumite, as defesas são realizadas em um ângulo de 45 graus, tendo por finalidade ensinar princípios do combate circular e de esquivas laterais. (NAKAYAMA, 2009).

A próxima etapa da progressão de Funakoshi é o Jiyu-Ippon kumitê. Nesta etapa, os alunos não precisam seguir o comando do instrutor para iniciar o ataque. O aluno pode se posicionar livremente pela área de combate e atacar no tempo em que achar apropriado. A defesa também não segue uma convenção, o defensor pode utilizar as formas que considerar mais apropriadas. (NAKAYAMA, 2009).

O primeiro registro deste método de ensino do Kumite encontra-se no *Karatê-Dô Nyumôn*, de Funakoshi (2000). O *Ten no Kata* era na verdade um estágio embrionário desta progressão, que aparece detalhada segundo este padrão na obra de seu sucessor, Nakayama (2009). O texto do *Nyumôn* foi publicado pela primeira vez em 1943, e nele, Funakoshi afirma que desenvolveu este treinamento para ensinar o Kumite ao público japonês de maneira didática e segura.

O método de Funakoshi atendia as diretrizes da Dai Nippon Butoku Kai e foi reconhecido por ela como uma autêntica arte marcial japonesa em 1935. (CRAMER, 2018). Seu estilo difundiu-se entre várias camadas da sociedade a partir de Tóquio, ganhando visibilidade principalmente a partir da fundação dos primeiros clubes universitários de Karatê. No entanto, outros especialistas em Karatê que também vieram de Okinawa para o Japão para ensinar karatê, fizeram apontamentos sobre a metodologia de Funakoshi. Antony (2015) aponta comentários de Kenwa Mabuni e Choki Motobu, onde ambos afirmam que o Karatê de Funakoshi por não ensinar diretamente técnicas de luta agarrada, de solo e de pressão contra pontos vitais, tornam seu estilo pouco proveitoso em termos de defesa pessoal. Ele ainda faz referência à justificativa do próprio Funakoshi, em que ele afirma “Em Karatê, socar e chutar não são os únicos métodos; projeções, torções e pressão contra articulações também estão incluídas... Todas as técnicas devem ser estudadas com base nos Kata básicos” (ANTONY, 2015, p. 36).

FIGURA 6 - TÉCNICAS LESIVAS DE FUNAKOSHI, PUBLICADAS NO TOTE-JITSU DE 1926



FONTE: Funakoshi (1926).

A crítica de Mabuni e Motobu baseia-se no fato de que, no Karatê-Dô¹⁷, as únicas técnicas ensinadas eram de socos e chutes lineares de longa distância, sempre em um único tempo (uma sequência de golpes era pouco comum), com profunda ênfase em uma forma estática e estética. As diferentes aplicações lesivas de um Kata, passaram a ser substituídas por defesas simplistas, frequentemente sem a realização de um contra-ataque (McCARTHY, 1995; ANTONY, 2015). O ensino do Kata restringia-se a execução da forma e da sequência de movimentos. A execução de tais aplicações era vista somente em exposições para o público. Ainda tratando-se de aplicações, Abernethy (2010, p.1) afirma que “Em Okinawa, a função ditava a forma, já no Shotokan, a forma ditava a função”.

Tanto as fontes escritas quanto as imagens apresentadas indicam o início de um processo de filtragem das técnicas que compunham o acervo do Karatê apresentado em Tóquio, enfatizando a presença de socos e chutes lineares de longo alcance. Para entender os motivos que possivelmente levaram a tal priorização, é necessário olhar novamente para o modelo de organização das disciplinas marciais que compunham a Butoku Kai. Antony (2015) aponta que Funakoshi acentuou o sentido pedagógico de suas técnicas, mascarando ou eliminando aplicações lesivas como esmagamento de testículos, dedos nos olhos, quebrações de membros e estrangulamentos. Outras técnicas de quedas e torções passaram a um segundo plano por causa da consolidação do Judô e Aikidô, respectivamente, evitando assim possíveis disputas ou rivalidades.

Abernethy (2010) também faz pontuações sobre as aplicações dos Kata Heian, que no Shotokan se tornaram a base pedagógica de ensino dos Kata. Ele afirma que Itosu, um dos mentores de Funakoshi, desenvolveu estes Kata como um apanhado de situações gerais de defesa pessoal, abrangendo desde um primeiro contato com o agressor, numa longa distância, tentativas de imobilização e golpes de média distância até o combate agarrado e técnicas de projeção ao solo. Ele ainda pontua a necessidade de se tomar a iniciativa do ataque em tais situações. Funakoshi ressalta o caráter eminentemente defensivo das técnicas sob uma

¹⁷ O estilo difundido por Funakoshi, com o tempo, passou a ser conhecido por *Shotokan*, uma referência a seu pseudônimo. O próprio Funakoshi, nunca permitiu em vida a utilização deste termo, numa tentativa de se distanciar de uma possível parcialidade a seu próprio favor, chamando seu estilo apenas de “Karatê-Dô”.

argumentação de uma conduta não-violenta¹⁸, simplificando as técnicas para a melhor assimilação e aprendizagem de seus alunos num contexto em que o combate real não é mais uma necessidade primária.

Funakoshi afirma ter feito diversas mudanças em sua arte e, em suas últimas considerações de sua biografia, afirma acreditar que tais mudanças se faziam necessárias e são bem-vindas para o aprimoramento técnico e disseminação do karatê. Para ele, o uso de sua arte em combates reais não é uma prioridade maior que seu propósito educacional. Ele afirma que: “O verdadeiro objetivo do Karatê-Dô não está no emprego da técnica como ‘Arte’ de defesa, mas sim como um veículo no caminho da evolução humana.” (FUNAKOSHI, 2014). Ainda assim, seus sucessores, numa tentativa de transformar o Karatê num sistema regulamentado, encontram pontos de divergência que alteraram tanto a técnica quanto o modelo de difusão do Karatê.

¹⁸ Uma das frases mais emblemáticas deste ideal é “*Karate ni sente nashi*” em tradução livre, “não existe primeiro golpe no karatê”, indicando uma proibição severa de qualquer intenção de um praticante de karatê de tomar a iniciativa em um combate real, refletindo a preocupação de Funakoshi em ver sua arte utilizada como arma (FUNAKOSHI, 2005).

4 O KARATÊ ENQUANTO INSTITUIÇÃO

No início dos anos 1930, Funakoshi passa a ensinar pessoas pertencentes às elites japonesas, como consta em sua autobiografia (FUNAKOSHI, 2014). Seu ensino se consolidou de forma destacável entre as universidades, que por sua vez fundaram os primeiros clubes de Karatê no fim dos anos 1920 (BLACK BELT, 1965). Funakoshi também ensinou em espaços temporários até a construção de seu *Dojô*¹⁹, o *Shotokan*²⁰.

A expansão do karatê nos clubes universitários trouxe novas demandas. No fim dos anos 1930, trinta por cento das faculdades e universidades do Japão possuíam clubes de Karatê ligados a pelo menos um dos quatro principais estilos presentes na época.²¹(BLACK BELT, 1965). Diante de tal crescimento, Funakoshi gradativamente passou a desempenhar um papel de supervisor, delegando o ensino em seu *Dojô* e nos clubes a seus alunos mais experientes (KOTEK, 2016).

Neste período, as experiências e influência do terceiro filho de Funakoshi, Yoshitaka, estabelecem diretrizes que destacam e diferenciam o Karatê-Dô Shotokan, dos estilos que a ele deram origem em Okinawa.

Yoshitaka recebeu uma influência maior de Yasutsune Azato que seu pai, ainda que este tenha sido o primeiro professor de Gichin Funakoshi. Azato, por sua vez, afirmava que sua especialidade era o estilo de *Kenjutsu Jigen-Ryu*. Azato era um homem de estatura alta (FUNAKOSHI, 2014), o que possivelmente favorece um estilo de combate linear e de longo alcance, tal como ensinado no *Jigen-Ryu*. Por estas evidências históricas, se faz possível acreditar que Azato pode ter exportado tais características do *Jigen-Ryu* ao seu repertório de Karatê e, conseqüentemente, à Yoshitaka. Esta é uma possível hipótese para explicar o motivo de Yoshitaka desenvolver posturas mais baixas, com maior abertura de pernas e com movimentos mais explosivos.

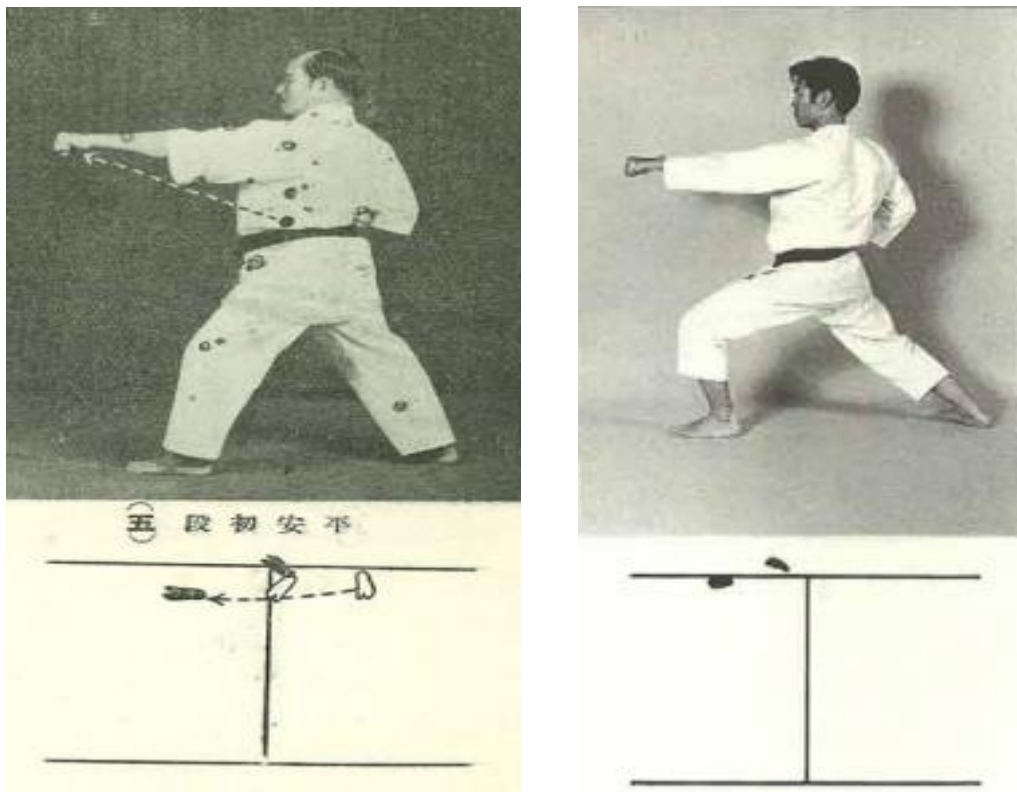
¹⁹ *Dojô* é o nome atribuído aos espaços destinados ao ensino de uma determinada arte marcial japonesa. (DAI NIPPON BUTOKU KAI, 2004; NAKAYAMA, 2009; KANAZAWA, 2011).

²⁰ *Shotô* era o pseudônimo que Funakoshi utilizava para assinar seus poemas. *Kan* é uma palavra que pode ser traduzida por edifício. O nome inicialmente era usado somente para o prédio em que Funakoshi morava e ensinava, porém, após sua morte, seus discípulos passaram a utilizar o nome em referência à escola de Funakoshi. (BLACK BELT, 1965).

²¹ Além do Shotokan, Chojun Miyagi e Kenwa Mabuni saíram de Okinawa para ensinar as massas japonesas, fundando, respectivamente, as escolas Goju-Ryu e Shito-Ryu. Hironori Otsuka juntou elementos do Shotokan e de Jujutsu para fundar a escola Wado-Ryu (LOPES FILHO, 2015).

Ao comparar as fotografias da primeira e da segunda edição de *Karatê-Dô Kyohan*, de 1935 e 1973²², respectivamente, a diferença na técnica de Gichin Funakoshi para Yoshitaka Funakoshi fica evidente (Figura 7). Ao comparar o mesmo movimento do kata Heian Shodan das duas versões, a abertura de pernas e o centro de gravidade abaixado de Yoshitaka Funakoshi ficam evidentes, em comparação a de Gichin Funakoshi.

FIGURA 7 - OIZUKI DE GICHIN FUNAKOSHI E YOSHITAKA FUNAKOSHI



FONTE: Funakoshi (1935; 1973).

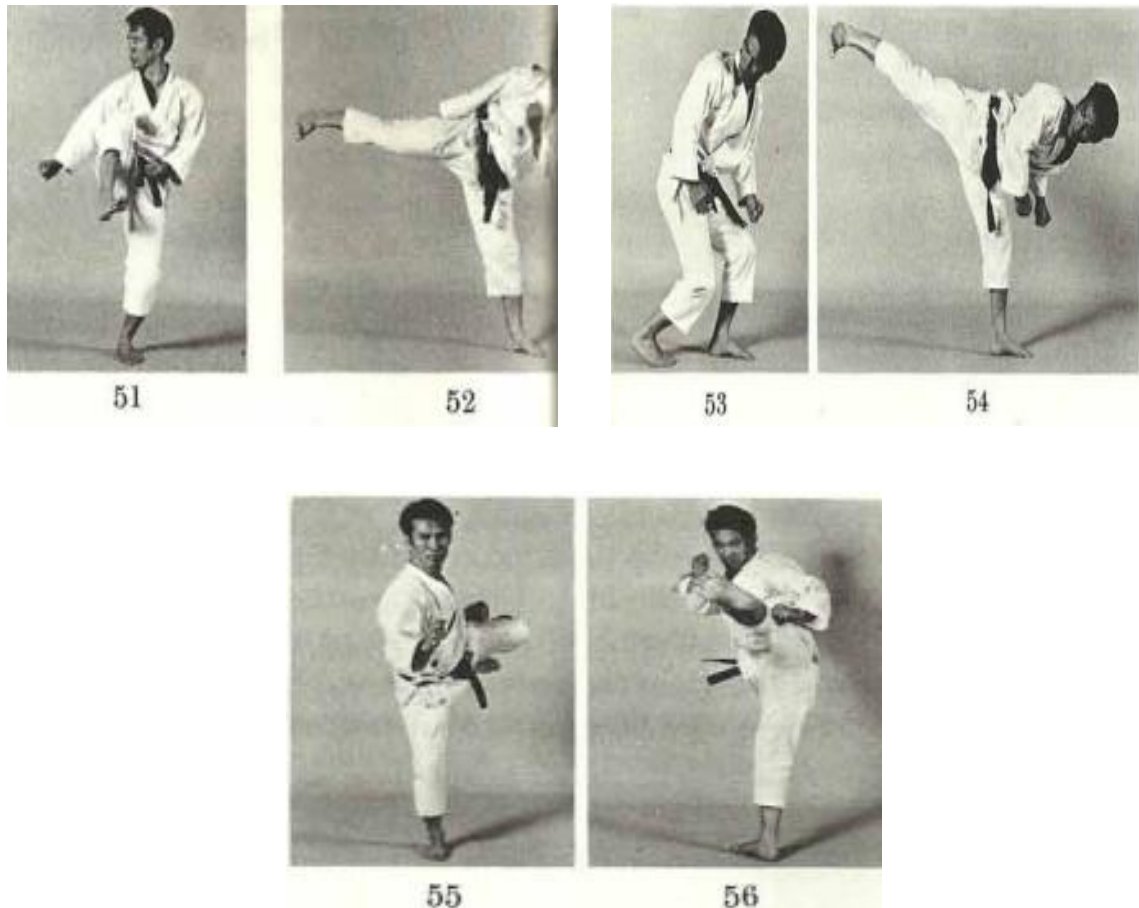
O estudo de Yoshitaka também contribuiu para o surgimento de técnicas novas, como o *mawashi-gueri*, *yoko-gueri* e o *ushiro-gueri*²³, cuja primeira publicação aparece somente na segunda edição de *Karatê-Dô Kyohan*, onde Yoshitaka é o modelo para todas as fotografias do livro (Figura 8). Yoshitaka também foi o responsável por acentuar o emprego do uso dos quadris nas defesas; a criação de *kata* como *Taikyoku*, *Wankan* e o *Ten no Kata*; e a implementação do

²² As fotografias da segunda versão datam do início da década de 1940.

²³ Chute circular, lateral, e para trás, respectivamente.

*Jiyu-Kumite*²⁴ no treinamento (CENTRAL FEDERATION OF TRADITIONAL KARATE, 2014; SHOTOKAI, 2017).

FIGURA 8 - CHUTES DE YOSHITAKA FUNAKOSHI



FONTE: Funakoshi (1973).

O desenvolvimento das primeiras formas de *Kumite* (combate contra um adversário real) se deve a duas demandas paralelas. A primeira delas é uma derrota de Yoshitaka Funakoshi e outros alunos da escola Shotokan para caratecas da escola Goju-Ryu em Osaka (BLACK BELT, 1987; NOBLE, 2018). Segundo o relato oral de Masutatsu Oyama, outro aluno da Shotokan que depois fundou o Karatê Kyokushin, Yoshitaka Funakoshi mudou após o evento, passando a afirmar que “Karatê é kumitê” (BLACK BELT, 1987, p. 46).

O segundo motivo é uma crescente demanda da comunidade universitária para o Karatê estabelecer um formato de competição conforme o exemplo do Judô

²⁴ Combate livre, sem interrupções de árbitros ou restrições de golpes válidos, mantendo somente a preservação da integridade do adversário.

e do Kendô. As competições eram atraentes ao público e o treinamento de Karatê, que consistia majoritariamente na repetição de diferentes *kata*, não possuía a mesma atratividade. (NAKAYAMA, 2009; ANTONY, 2015)

Segundo Nakayama (2010), um dos principais alunos de Funakoshi no clube de Karatê da Universidade de Takushoku, na década de 1930, os jovens costumavam marcar sessões de duelos, em que eram frequentes os enfrentamentos resultarem em cortes e lesões sérias com segundos de combate. Tais eventos poderiam pesar negativamente no propósito de não-violência do Karatê, e por isso, uma alternativa foi a elaboração de formatos de luta mais seguros.

O desenvolvimento do Karatê e do *Dojô* Shotokan sofreu períodos de interrupção no período da Segunda Guerra Mundial, e nos três anos posteriores ao fim da guerra. Funakoshi, tendo em vista sua idade avançada, se muda para o sul do Japão fugindo dos bombardeios a Tóquio. Um destes bombardeios destrói o *Shotokan* e sua residência. Yoshitaka Funakoshi morre em 1945, vítima de uma tuberculose. E após o início da dominação dos Aliados, todas as formas de artes marciais sofrem um decreto de proibição. O Karatê escapa deste decreto por intermédio de Masatoshi Nakayama, cuja família conhecia o Ministro da Educação japonês, que persuadiu o comando das Forças Aliadas, alegando que o Karatê era uma forma de boxe chinês que poderia ser considerado um “esporte inofensivo” (KOTEK, 2016, p. 37).

Com o retorno de Funakoshi a Tóquio em 1948, seus alunos mais graduados dos clubes de Karatê, juntam-se numa tentativa de restabelecer as atividades que haviam sido interrompidas ao fim da Segunda Guerra. É desse intuito de reorganização que surge a JKA em 1949. A iniciativa tinha o objetivo de reunir os membros dos antigos clubes em uma única associação, a fim de regulamentar a atividade, padronizar o currículo e a relação hierárquica entre os praticantes (BLACK BELT, 1965).

Nos primeiros anos da JKA, existiram pontos de divergência de ideias entre os principais alunos de Funakoshi, que posteriormente levaram a desligamentos de alguns destes e a fundação de outras federações paralelas à JKA. Uma vez que os princípios ideológicos destas outras associações eram diferentes entre si, a forma técnica ensinada também difere entre essas instituições. As motivações iniciais que culminaram em tais separações podem ser identificadas ao analisar os

fundamentos em que os primeiros clubes de Karatê foram estabelecidos (BLACK BELT, 1992).

Havia duas principais correntes de pensamento difundidas nestes clubes, diretamente relacionadas ao nível social em que cada universidade se encontrava (BLACK BELT, 1965). O primeiro deles, representado principalmente pela Universidade de Keio, ressaltava a necessidade de o Karatê não ser um fenômeno profissionalizado. A relação professor-aluno deveria ser sedimentada na ausência de fins lucrativos, enfatizando a transmissão de princípios éticos como aqueles encontrados na releitura do *Budô*. Este pensamento encontra espaço na Universidade de Keio porque esta era composta por estudantes da aristocracia japonesa, sendo esta a Universidade de maior prestígio no Japão da época. Logo, a profissionalização não haveria de ser uma necessidade (KOTEK, 2016).

O outro principal corpo de alunos era composto por universidades como a Takushoku, também chamada de Takudai. O foco desta Universidade era a formação visando o comércio internacional, tendo em vista a expansão econômica em que o Japão se encontrava. Era uma Universidade para alunos que “possuíam habilidades, porém não nasceram com riqueza ou parentes importantes” (BLACK BELT, 1965, p. 16). Os alunos desta universidade não eram das mais altas camadas sociais e, após as séries de restrições que as Forças Aliadas impuseram ao Japão, os formandos em cursos relacionados a assuntos internacionais se encontravam em dificuldades de conseguir trabalhos.

Na organização inicial da JKA, Funakoshi tinha o posto simbólico de instrutor emérito, por causa de sua idade avançada. O presidente era Isao Obata, juntamente com Kiichinosuke Saigo, e Masatoshi Nakayama, o diretor técnico (BLACK BELT, 1965).

Vale ressaltar que Isao Obata e Kiichinosuke Saigo eram da Universidade de Keio e Masatoshi Nakayama, da Takushoku. As formações diferentes destes dirigentes fomentaram discussões sobre a profissionalização do ensino do Karatê. Enquanto os dois primeiros prezavam pela gratuidade do ensino, Nakayama estabeleceu um curso de instrutores cuja profissão seria ensinar em tempo integral na sede da JKA, recebendo o devido salário para isso. Tal curso teria embasamento em ciências como psicologia, anatomia e biomecânica, aumentando a cientificidade do Karatê. O aumento da influência política e comercial de Nakayama levou Obata

e Saigo ao seu desligamento da JKA no início dos anos 1950, mantendo seu foco somente em seu clube universitário (BLACK BELT, 1992).

Outro atrito entre instrutores também envolveu Nakayama, porém desta vez com Shigeru Egami. Nakayama procurou agregar ao karatê um valor científico, sendo um pioneiro em usar conceitos de biomecânica no aprimoramento das técnicas do Karatê (NAKAYAMA, 2009). Egami era adepto de uma perspectiva em que a técnica do Karatê deveria permanecer inalterada e fidedigna àquela ensinada por Funakoshi, temendo que outros processos de modificação romperiam com uma ideia de tradição da transmissão das técnicas (BLACK BELT, 1992).

O ponto de cisão entre a institucionalização de Nakayama e o tradicionalismo de Egami ocorre em 1957, com a morte de Funakoshi (BLACK BELT, 1992). Enquanto Nakayama planejava realizar um grande evento, aberto a toda a comunidade de praticantes de Karatê do Japão, Egami defendia a ideia de realizar uma cerimônia discreta, aberta somente a familiares. O evento de Nakayama não é realizado e ele não compareceu ao velório de Funakoshi. No mesmo ano, Egami deixa a JKA para fundar a *Shotokai*, cuja propaganda é a ideia da conservação dos ensinamentos de Funakoshi de forma inalterada.

Ao comparar o currículo da JKA e da *Shotokai*, pode-se perceber que eles são praticamente idênticos. As nomenclaturas, rituais e procedimentos são os mesmos, no entanto, a diferença encontra-se na dinâmica em que os movimentos são realizados. Enquanto a JKA realiza os movimentos segundo uma cadência rígida, com aceleração e desaceleração súbitas, a *Shotokai* utiliza uma dinâmica mais fluída, sem a interrupção dos movimentos. Em ambos, a ideia de *Kime*²⁵ existe, porém enquanto na JKA a aplicação do *Kime* ocorre com a desaceleração imediata do corpo todo (NAKAYAMA, 2009), na *Shotokai* o corpo continua sua trajetória natural mesmo após o enrijecimento da musculatura do abdômen (SHOTOKAI, 2017).

Também em 1957 a JKA realiza o primeiro campeonato de Karatê do Japão, a fim de levar a público seu novo formato esportivo, em resposta às demandas universitárias de um modelo comercialmente atrativo.

²⁵ *Kime* é um conceito de geração de força presente na técnica de algumas escolas de Karatê que consiste numa contração súbita dos principais grupos musculares no exato instante de impacto de um golpe contra o alvo. Tal contração parte da musculatura do abdome, e a força gerada desta contração é transmitida para os membros (BARREIRA; MASSIMI, 2006).

Nakayama (2009) foi o idealizador das primeiras regras que os primeiros campeonatos de Karatê passaram a ter. Ele utilizou um modelo inspirado nas competições de Kendô. Ele também criou um campeonato de Kata, sob a justificativa de que uma competição exclusiva de *Kumite* (combate) poderia ser um estímulo à introdução precoce nesta etapa da prática do Karatê. A metodologia de Nakayama enfatiza a progressão pedagógica onde se ensina primeiramente o *Kihon* (fundamentos), em seguida o *Kata* (formas) e por último o *Kumite* (combate real).

A idealização do campeonato de Karatê altera significativamente a orientação do treinamento e do ensino das técnicas. Uma vez que a imposição de regras de segurança limita a execução ou o vigor dos golpes, as técnicas consideradas ilícitas perdem representatividade no treinamento diário. Técnicas de mão aberta, joelhadas, cotoveladas, torções, estrangulamentos e técnicas de solo entram nessa categoria. Para a aferição de pontos, a técnica precisa ser vista pelos árbitros com clareza, o que favorece a ênfase em golpes lineares de longo alcance. Estes movimentos também recebem a preferência no treinamento por favorecerem a segurança dos praticantes durante o combate, através do desenvolvimento da técnica do *sundome*²⁶.

O aspecto linear da técnica do Karatê da escola *Shotokan*, que era um elemento que a destacava durante sua disseminação nos anos 1920, agora recebe um novo significado em resposta a outra demanda de sua estrutura social. A finalidade da técnica deixa de estar na busca da execução de um movimento com alto potencial lesivo, com o objetivo de garantir a segurança individual, e passa a estar num contexto esportivo cujo objetivo é determinar qual competidor é capaz de tocar o outro antes de receber o toque. Tal transição acentua a demanda por movimentos mais rápidos e de maior alcance, o que inicia um novo processo de mudança na dinâmica da técnica do karatê. Os resultados desta experiência são um aumento progressivo na amplitude das posturas e das rotações de quadris, assim como uma extensão dos membros superiores de forma mais rápida e relaxada, enfatizando velocidade em detrimento de força. Johnson (2013, p. 3) afirma que: “Um ponto-chave é notar que as posturas mais largas começaram a

²⁶ O *sundome* consiste em interromper a técnica a uma distância de 5 a 15 centímetros do alvo. O objetivo é resguardar a integridade física do adversário enquanto mostra-se aos árbitros a correta execução da técnica, com *timing* e alcance adequados (BARREIRA; MASSIMI, 2006)

evoluir para o Karatê esportivo a partir dos anos 1930, antes desta época as posturas em artes como o Karatê eram curtas e altas”.

Com as competições, inúmeras ‘mudanças na estrutura’ ocorreriam, seria necessário confrontar a mesma técnica entre seus praticantes à busca de um campeão, o que fatalmente ocasionaria uma significativa perda na eficiência, pois o treinamento seria agora direcionado à técnicas previstas dentro de um universo de possíveis ataques e contra-ataques, utilizando apenas técnicas que dessem maior clareza e visibilidade para a aferição de “pontos”. (ANTONY, 2015, p. 69)

A especificidade do treinamento voltado às competições de Karatê implica num desenvolvimento de um novo corpo de técnicas. O uso de técnicas lineares acarreta uma evolução nos fundamentos do combate de longo alcance, onde o praticante desenvolve técnicas com maior leveza e velocidade e uma noção de momento apurada. O combate não se desenvolve em longas sequências de golpes, pautando-se em golpes únicos e decisivos, conforme o desenvolvimento da competição do Kendô, de onde as regras iniciais da competição de Karatê foram importadas. Antony (2015, p. 69) sintetiza: “A luta de competição ou Shiai Kumite representam ao mesmo tempo um marco na deterioração das técnicas originais, e uma evolução nos conceitos de tempo e distância.”

A figura 9 (o primeiro campeonato japonês filmado, em 1984), foi extraída do que provavelmente foi o primeiro vídeo de uma competição de Kumatê, cujos participantes são ambos alunos diretos de Funakoshi e Nakayama. Essa figura ilustra os conceitos de timing, ritmo da aplicação do golpe, principalmente, e a dinâmica corporal quanto à amplitude da postura das pernas. Tal golpe, desferido desta maneira, permite que ele seja visto pelos árbitros presentes nas quinas da área de competição, tornando possível a aferição objetiva de pontos.

O desenvolvimento do formato esportivo do Karatê implica não somente em uma aceleração do processo de difusão da arte, mas também marca um processo de transição e remodelações que a tornam um objeto que possui uma forma distante de seus precursores originais de Okinawa. As formas de Karatê-Jutsu de Okinawa tinham como traços marcantes um corpo técnico holístico que permitia ao praticante a busca individual de sua “forma”, incentivando assim, possíveis diferenças técnicas e o intercâmbio de informações entre praticantes, (McCARTHY, 1995). O Karatê-Dô desenvolvido no seio japonês é marcado por uma padronização e organização, a fim de que seu ensino seja tanto reconhecido pelos padrões japoneses, quanto

difundido com homogeneidade em diferentes locais, onde tais padronizações passam a ser definidas pela hierarquia de uma instituição (KOTEK, 2016).

FIGURA 9 - COMBATE ENTRE ENOEDA E KANAZAWA



FONTE: Enoeda (1984).

A respeito do repertório técnico, houve uma transição de um compilado de técnicas de autodefesa em meio civil do Karatê de Okinawa, voltada para as necessidades policiais (ABERNETY, 2010), para um contexto específico do Karatê competitivo ao fim dos anos 1950. A consequência de tal transição é uma progressiva filtragem das técnicas, seguida de uma adaptação ao contexto social, embasada com uma tentativa de um alinhamento ao conhecimento científico. Dessa forma, uma arte “prevista originalmente para confrontar-se com qualquer tipo de ataque, área de contato ou nível de atuação (troca de golpes, projeções ou luta no solo)” (ANTONY, 2015, p. 70), forçou-se a especializar-se em somente uma área de atuação, que é o combate linear de longa distância, impulsionando o desenvolvimento de novas técnicas e elementos táticos neste campo.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O fenômeno que hoje se conhece por Karatê ou Karatê-Dô teve sua origem no Reino de Ryukyu, como produto da fusão de diferentes estilos entre os séculos XIV e XVIII. Ele originalmente era composto por elementos de três artes marciais distintas: primeiramente, uma forma rudimentar de luta agarrada de Ryukyu conhecida como *Tê*; diferentes estilos de Kung-Fu da província de Fujian, da China; e o estilo de *Kenjutsu Jigen-Ryu*, das Ilhas Kyushu, no Japão. O reino de Ryukyu passou por dois decretos de proibição da prática de artes marciais ou estocagem privada de armas. Tais decretos forçaram a prática das primeiras formas de Karatê no anonimato, pelos agentes responsáveis pela segurança do reino de Ryukyu.

Portanto, a incorporação de diferentes influências no treinamento dos *Peiichin* de Ryukyu resulta em um versátil sistema de autodefesa, focado no estudo de possibilidades de luta em pé, agarrada e de solo (McCARTHY, 1995). O objetivo do treinamento é capacitar o oficial de segurança do Reino a preservar sua integridade em distintas situações (ABERNETHY, 2010).

Com a anexação oficial de Ryukyu pelo Japão no início da Restauração Meiji e o fim dos decretos de proibição das artes marciais desta região, ocorrem os primeiros movimentos de difusão do Karatê para fora da agora chamada Prefeitura de Okinawa.

Com a Restauração Meiji, o Japão passa a ter uma política de modernização acelerada e de imperialismo. As artes marciais japonesas passam por um processo de regulamentação e padronização, cuja finalidade é sua utilização como instrumento educacional e de propaganda nacionalista. O Karatê, que não é originalmente uma arte japonesa, para encontrar espaço neste novo contexto, também se reformula segundo as diretrizes japonesas até seu reconhecimento como um *Budô* japonês em 1935.

Diante de um cenário em que o sentido da prática do Karatê é redefinido, transitando de um sistema de defesa pessoal para uma prática educacional, também os elementos técnicos passam por momentos de redefinição. As aplicações de combate no solo perdem espaço (temendo uma possível concorrência com o Judô), e torções e ataques a pontos vitais são progressivamente eliminados, considerando o risco lesivo destas técnicas (ANTONY, 2015; CRAMER, 2018). Neste ínterim, a aplicabilidade de técnicas lineares e de médio a longo alcance recebe um novo sentido, devido a seu uso didático e a possibilidade de seu

ensino com segurança, passando assim, a receber maior atenção e representatividade no currículo da escola Shotokan.

Com a derrota japonesa na Segunda Guerra Mundial e a consequente ocupação das forças Aliadas, a prática das artes marciais é proibida temporariamente. Os clubes universitários de Karatê retomam suas atividades em 1948. Num esforço de desvinculação à propaganda militarista de décadas anteriores, surge um modelo de Karatê pautado no desenvolvimento ético do ser humano, juntamente com os benefícios da prática esportiva (BLACK BELT, 1965).

Atendendo a pressões dos efervescentes clubes universitários (BLACK BELT, 1965), um modelo esportivo de Karatê é desenvolvido, onde o objetivo é tocar o oponente para a aferição de pontos. As técnicas lineares recebem outro sentido, uma vez que elas possibilitam a realização do toque com maior eficiência. Esta descoberta impulsiona o desenvolvimento de novas táticas e técnicas adequadas ao contexto esportivo, impulsionando a qualidade dos movimentos de aceleração. O modelo esportivo visa a preservação da integridade física dos atletas, o que também contribui para que a aplicação de potência e impacto nos golpes deixe de ser uma prioridade (ABERNETHY, 2010; JOHNSON, 2013; ANTONY, 2015).

Diante de tais fatos, pode-se observar que ocorreu um processo de “japanização” do Karatê, em que este fenômeno assimilou valores e condutas extrínsecas de modo a garantir sua disseminação. Tais mudanças, progressivamente criaram um *ethos*²⁷ e uma prática corporal que preserva pouco de sua herança histórica original, constituindo-se um produto novo e genuinamente japonês.

As conclusões para que estes fatos apontam levam a questionamentos sobre os conceitos de legitimidade e tradição que esse *ethos* carrega consigo. Kotek (2016) coloca essa questão como a “invenção das tradições” no Karatê Shotokan, em que um conjunto de costumes em que o ambiente de treinamento é realizado, ganha embasamento em tradições que não necessariamente são as suas precursoras. Um exemplo disto é a tentativa de correlacionar o cultivo da disciplina

²⁷ Kotek (2016) afirma que o Karatê Shotokan é responsável pela criação de um novo *ethos* devido ao apelo à padronização e a hierarquia, empregando ideias como as de “tradição”, “linhagem” e “senso de pertencimento”. A posse de títulos, o estabelecimento de ideais filosóficos e a prática dos mesmos exercícios físicos em *Dojô* diferentes consolidam o Shotokan como um grupo único.

e do autocontrole com o *Bushidô* dos samurais japoneses. Apesar de historicamente a origem do Karatê não ser japonesa, tal fenômeno se justifica na necessidade de desvinculação histórica com a China, e na construção simbólica da tradição secular das artes marciais japonesas enquanto elemento de uma identidade nacional.

Kotek (2016) também cita a implantação de tradições como realizar sessões de meditação ao início e fim de cada sessão de treinamento, recitar lemas sobre a conduta fora do ambiente de treinamento, o uso de vestes e termos japoneses e a aproximação com textos e ideias filosóficas taoístas, confucionistas e zen-budistas. Todas estas tradições contribuem para a construção de um sentimento de pertencimento a um ambiente que remete também ao secular modo de vida samuraico, ainda que tais normas foram convencionadas somente a partir da década de 1930.

A criação de um novo *ethos* e de um fenômeno novo, carregado de uma identidade japonesa, não pode ser vista como fruto de uma tradição inventada com uma orientação consciente ou cujo produto final possuía objetivos premeditados por um sujeito ou organização. Tampouco se pode estabelecer juízos de valor a favor da qualidade do Karatê de uma época específica. As alterações no modelo técnico ou metodológico do Karatê são respostas a diferentes circunstâncias sociais e temporais em que este fenômeno se encontrava. Elas eram executadas pela necessidade de adaptação, em que um processo de assimilação ocorre visando a perpetuação e disseminação de uma prática entrando em concordância com as normas, legais ou morais, de uma determinada sociedade. Portanto, a transformação do *Tê* para *Karatê-Jutsu* e finalmente, para *Karatê-Dô*, é o fruto da transição de sua identidade estrangeira para um patrimônio japonês. Essa ressignificação é resultado da assimilação progressiva de diferentes necessidades sociais, que são responsáveis tanto pela integração de novos saberes, quanto pela obsolescência de outros.

REFERÊNCIAS

ABERNETHY, I. **The Pinan / Heian Series as a Fighting System**. Reino Unido, 2010. Disponível em: <<http://www.iainabernethy.co.uk/article/pinan-heian-series-fighting-system-part-one>> Acesso em 22/09/2019.

ANTONY, V. **Jutsu: a arte oculta no Karatê**. Caçador: Global Soccer, 2015.

ASAI SHOTOKAN ASSOCIATION INTERNATIONAL. **What is Dai Nippon Butoku Kai**. ASAI, 2015. Disponível em: <<http://asaikarate.com/what-is-dai-nippon-butoku-kai-%E5%A4%A7%E6%97%A5%E6%9C%AC%E6%AD%A6%E5%BE%B3%E4%BC%9A%E3%81%A8%E3%81%AF%EF%BC%9F/>> Acesso em 15/09/2019.

BARREIRA, C.; MASSIMI, M. **O caminho espiritual do corpo: a dinâmica psíquica no karate-do shotokan**. Memorandum, 11, 85-101. Universidade de São Paulo. São Paulo, 2006.

BISHOP, M. **Okinawan Karate: Teachers, Styles and Secret Techniques**. Turtle Publishing, 2017.

BLACK BELT. **Black Belt**. Rainbow Publications, Burbank, Califórnia. Vol 3, nº10. out/1965. Disponível em: <https://books.google.com.br/books?id=BdoDAAAAMBAJ&hl=pt-BR&source=gbs_all_issues_r&cad=1> Acesso em 12/10/2019.

BLACK BELT. **Black Belt**. Rainbow Publications, Burbank, Califórnia. Vol 30, nº12. dez/1992. Disponível em: <https://books.google.com.br/books?id=8M8DAAAAMBAJ&hl=pt-BR&source=gbs_all_issues_r&cad=1> Acesso em 12/10/2019.

CENTRAL FEDERATION OF TRADITIONAL KARATE. **Yoshitaka “Gigo” Funakoshi**. Central Federation of Traditional Karate, 2014. Disponível em: <<https://www.cfts-karate.co.uk/articles-information/karate-masters-asia/414-yoshitaka-gigo-funakoshi>> Acesso em 30/09/2019.

CORDEIRO A. **Taoísmo e confucionismo: duas faces do caráter chinês**. Sacrilogens, Juiz de Fora, v. 6, n.1, p. 04-11, 2009

CRAMER, M. **The History of Karate and the Masters Who Made It**. North Atlantic Books, Berkeley: 2018.

CRESPO, E.; SANTIAGO, M.; MAZAT, N. **A Dimensão Geopolítica de Desenvolvimento Econômico Durante a Restauração Meiji**. R. Esc Guerra Naval, Rio de Janeiro, v.22 n.3, p. 607 - 642. set./dez. 2016.

DAI NIPPON BUTOKU KAI. **Dai Nippon Butoku Kai-History and Phylosophy**. Dai Nippon Butoku Kai. Kyoto, 2004. Disponível em <http://www.dnbk.org/history.cfm>. Acesso em 02/09/2018.

EHALT, R. **Notas sobre o nascimento da historiografia moderna no Japão da Era Meiji**. Universidade de Estudos Estrangeiros de Tóquio. Tóquio, 2013.

ENOEDA, K. Direção: ([s.n.]). 1984. Vídeo (55 seg.), sem som, sem legenda, preto e branco. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=PL-qEPUDBI&feature=emb_title>. Acesso em 12/06/2020.

FROSI T.; MAZO J. **Repensando a história do karate contada no Brasil** . Rev. bras. Educ. Fís. Esporte, São Paulo. abr/jun. 2011

FUNAKOSHI, G. **Tote-Jitsu**. Tóquio, 1926. Disponível em: <https://www.karatedo.asia/wp-content/uploads/2015/08/funakoshi-1926-images.pdf>> Acesso em 25/10/2019.

FUNAKOSHI, G. **Karate-Dō Kyōhan**: Tóquio, 1935. Disponível em: <https://www.karatedo.asia/wp-content/uploads/2015/08/funakoshi-1935-images.pdf>> Acesso em 25/10/2019.

FUNAKOSHI, G. **Karate-Dō Kyōhan**: The Master Text. Kodansha International: Tokyo, 1973.

FUNAKOSHI, G. **Karatê-Dō Nyumon**: texto introdutório do mestre. São Paulo: Cultrix, 2000.

FUNAKOSHI, G. **Os vinte princípios fundamentais do Karatê**: o legado espiritual do mestre. São Paulo: Cultrix, 2005.

FUNAKOSHI, G. **Karatê-Dō Kyōhan**: o texto mestre. São Paulo: Cultrix, 2014.

FUNAKOSHI, G. **Karatê-Dô**: o meu modo de vida. 8. ed. São Paulo: Cultrix, 2015.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

GONÇALVES, A.; SILVA, M. **Artes Marciais e Lutas: Uma Análise da Produção Discursiva no Campo de Saberes da Educação Física Brasileira**. Rev. Bras. Ciênc. Esporte, Florianópolis, v. 35, n. 3, p. 657-671, jul./set. 2013.

HOBBSAWN, E.; RANGER, T. **A Invenção das Tradições**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.

HOFFMANN, L. **A Influência do Xintoísmo, Pensamento Chinês e Zen na Formação do Bushidô e a Experiência Zen de Eugen Herrigel**. Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas. Florianópolis, 2007.

JAPAN KARATE ASSOCIATION. Yamamoto vs. Kagawa. **JKA All-Japan Male Champions – Kumite**. 1984. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=bVAQ0rvtxal>>. Acesso em 15/10/2019.

JIGEN-RYU TOGO FOUNDATION. **About Jigen-Ryu Hyoho**. Kagoshima, 2003. Disponível em: <http://www.jigen-ryu.com/index_e.html#a> Acesso em 08/06/2019.

JOHNSON, R. **My Shotokan is not “Pure” - Why I think Funakoshi Sensei would approve**. Upland, Canadá. fev 2013. Disponível em: <<http://defense-arts-center.com/articles/2016/1/26/my-shotokan-is-not-pure>> Acesso em 19/09/2019.

KANAZAWA, H. **Guia Prático do Karatê**. São Paulo: Escala, 2011.

KOTEK, R. **What is so Japanese about Shotokan Karate-Do?: Protection of Cultural Identity and Economic Rights in the Global Sphere**. Universidade de Haifa. Haifa, Israel, 2016.

LOPES FILHO, B. **A simbologia presente nos estilos de Karate-Dō**. Rev Bras Educ Fís Esporte, São Paulo: jul/set. 2015.

MACEDO, E. **História do Japão: uma introdução**. San Bernadino, Califórnia, EUA: Amazon Independent, 2017

MAKOTO, M. **The Powerful First Strike of Jigen-Ryu**. My Sinchew, jul, 2008. Disponível em: <<http://www.mysin Chew.com/node/13650>> Acesso em 08/06/2019.

MARCONI, M. de A.; LAKATOS, E. M. **Fundamentos de metodologia científica**. 5 ed. São Paulo : Atlas, 2003.

McCARTHY, P. **Classical Kata of Okinawan Karate**. Ohara Publications, Estados Unidos, 1987.

McCARTHY, P. **Bubishi: The Bible of Karate**. Turtle Martial Arts, 1995.

MOLARI, M. **A contribuição dos katas do karatê na saúde e qualidade de vida de grupos populacionais**. UNOPAR Cient., Ciênc. Biol. Saúde, Londrina, out. 2003.

MORESI, E. **Metodologia da Pesquisa**. Brasília – DF. UCB. PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO – PRPG. 2003.

NAKAYAMA, M. **O melhor do Karatê 1: visão abrangente**. São Paulo: Cultrix, 2009.

NIPPON HŌSŌ KYŌKAI. Curso de Japonês. Lições de gramática. Disponível em: <<https://www.nhk.or.jp/lesson/portuguese/questions/0005.html#:~:text=Na%20l%C3%ADngua%20japonesa%2C%20os%20substantivos,dizemos%20NIN%20depois%20do%20n%C3%BAmero>> Acesso em 12/06/2020.

NOBLE, G. **Master Funakoshi's Karate**. Dragon Times Magazine. Thousand Oaks, Califórnia. 2018. Disponível em: <<http://www.dragon-tsunami.org/Dtimes/Pages/articled1.htm>> Acesso em 07/10/2019.

OSHO. **Zen: sua História e seus Ensinos**. São Paulo: Editora Cultrix, 2004.

PEREIRA, L. O modelo japonês segundo Barbosa Lima Sobrinho. **Rev. adm. empres.** vol.15 no.3 São Paulo. mai-jun, 1975.

SASAKI, E. **Estudos de Japonologia no Período Meiji**. Centro de Estudos Japoneses, Universidade de São Paulo. Jun, 2017.

SÁ-SILVA, J. R.; ALMEIDA, C. D. de; GUINDANI, J. F. Pesquisa documental: pistas teóricas e metodológicas. **Revista brasileira de história & ciências sociais**, v. 1, n. 1, 2009.

SHOTOKAI. **Gigo Funakoshi: Karate Genius**. Shotokai Encyclopedia & Martial Arts. 2017. Disponível em: <<https://shotokai.com/gigo-yoshitaka-funakoshi/>> Acesso em 09/10/2019.

TSUNETOMO, Y. **Hagakure: o livro do samurai**. São Paulo: Conrad Editora do Brasil, 2004.